

VOZ de Antas



BOLETIM PAROQUIAL



Director e Editor:

P. MANUEL DE BRITO FERREIRA

Propriedade da Paróquia:

S. PAIO DE ANTAS

Redacção e Administração:

CENTRO PAROQUIAL — TELEF. 87250

Composição e Impressão:

TIP. OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

Editorial

A Palavra aos Emigrantes

Corações ausentes

Ninguém como nós, emigrantes, sente o progresso ou o marasmo das nossas Terras.

O primeiro é para cada um de nós alegria, esperança. O segundo é tristeza, desalento. Só no desenvolvimento do nosso torrão natal pode assen... perança de voltarmos definitivamente um dia, e... desejamos breve, à terra que nos foi berço, a... al, embora incapaz de nos ter dado o pão, ocupa lugar primordial no nosso coração de filhos ausentes.

Por isso a alma transborda-nos de alegria quando, na ida a férias, encontramos quaisquer melhoramentos, que por pequenos que sejam, são sempre sinal de vitalidade. Estes melhoramentos porém alegram-nos mais se tiverem sido fruto de um esforço colectivo, pois estes além de provarem vitalidade, provam sobretudo união e espírito de inter-ajuda, sentimentos tão de harmonia com o Evangelho, cuja doutrina todos dizemos professar.

Não admira pois que tenhamos delirado com as arrojadas obras da Fábrica da Igreja, que além de embelezarem o conjunto paroquial, tiveram o condão de fazer com que nos reencontrássemos emigrantes e não emigrantes, em Igreja, à volta do dinâmico, juvenil e muito dedicado Pároco, verdadeira alma de todo este movimento comunitário.

Sentimo-nos verdadeiramente felizes por nos vermos parte inseparável da paróquia, qual agregado familiar que não se sente bem senão quando todos os seus membros estão em franca e harmoniosa convivência e para o qual, em condições diferentes não há festa verdadeira.

Por isso o nosso muito obrigado a todo o povo em geral e à Comissão das Festas da SENHORA DAS VITÓRIAS em particular,

(Conclui na 10.ª pág.)

MÊS DE NOVEMBRO:



Assim no-lo assegura a Fé Católica que, com imensa alegria, você e eu professamos: «De longe chegam à terra gemidos de almas aflitas, que,

DE LONGE CHEGAM À TERRA...

no fogo tormentoso, sofrem penas inauditas!». Gemidos nos chegam da antecâmara celeste — O Purgatório! Segundo a doutrina da Igreja, o Purgatório é o lugar e o estado em que se encontram as almas dos justos que morreram com a obrigação de ainda sofrerem uma pena temporal pelos pecados veniais ainda não perdoados, ou pelos pecados mortais ou

veniais já perdoados mas ainda não expiados. Esta expiação realiza-se progressivamente, não por mérito ou satisfação, porque, após a morte, acabam as oportunidades de merecimento para nós, mas sim por «satisfação» isto é, suportando com alegria a pena satisfatória que lhes foi imposta.

Apesar de suportarem com alegria a expiação necessária, isso não torna menor o sofrimento. Será grande esse sofrimento? — Muito grande, a avaliar pelo testemunho de S. Antonino: Um doente estava sujeito a grandes sofrimentos e pedia a Deus com lágrimas que o livrasse dos seus males. Um dia aparece-lhe um anjo e diz-lhe:

«O Senhor envia-me a vós para vos dar a escolha dum ano de sofrimento na terra, ou um só dia no Purgatório.»

O doente não hesitou. Um só dia no Purgatório! — diz ele; eu verei ao menos um termo para as minhas dores. Morreu nessa hora e a sua alma foi para o lugar da expiação. Então o anjo compassivo veio oferecer-se-lhe para o consolar. Ao vê-lo, exclama numa dolorosa e amarga censura:

«Anjo sedutor; Vós enganastes-me, pois dissestes-me que eu só estaria aqui um dia, e eis já vinte anos que estou entregue aos mais horripilantes suplícios.»

— «Alma infeliz, replicou o anjo estais no erro; o rigor dos vossos tormentos faz-vos exagerar-lhes a duração e considerar como um século o que efectivamente não passa de um instante. Morrestes apenas há uns minutos e o vosso cadáver ainda não arrefeceu.»

«Então consegui que eu volte à terra para sofrer aí durante um ano tudo o que me é necessário.»
Tendo-lhe sido concedido, o doente excitava a todos os que o viam ver, pedindo-lhes que aceitassem de bom grado todas as penas deste mundo, de preferência a exporem-se aos tormentos do outro.

É um caso!
A imensidade dos sofrimentos dessas Almas benditas provém do facto delas se aperceberem muito mais claramente do que nós do valor imenso que é verem face a face e possuírem esse bom Deus, num terno abraço de felicidade sem par. A atracção irresistível pela bondade divina

(Conclui na 2.ª Pág.)

APELO À HUMANIDADE

Lance-se um alerta a todo o Universo, tomem consciência todos os poderosos da Terra!

A vida humana não dura sempre, a morte é uma realidade, a imortalidade não é um mito!

Colocados perante estas realidades e observando de um lado ao outro da Terra, o que vemos nós neste caminhar apressado para o século XXI?

Assiste-se, sem excepção, a uma luta titânica do Homem contra todas as forças que lhe são adversas, quantas vezes contra o próprio Homem, numa ânsia incontrolável de vencer e dominar as primeiras por um lado e de controlar, subjugar ou aniquilar as segundas, por outro.

Dentro deste quadro, constata-se como consequência disso, a Humanidade dividida em super-potências, países industrializados, países em vias de desenvolvimento, países sub-desenvolvidos, países ricos, países pobres...

Mas no meio de toda esta nomenclatura, mais ao menos geográfica, mais ao menos política, há um factor comum, afinal o centro para onde convergem e donde dipergem as atenções gerais do nosso dia-a-dia: a presença humana, o Homem, como SER PEN-SANTE E ACTUANTE.

Sem análises mais profundas e sem demagogias balofas apetece exclamar:

— Afinal, para quê a guerra, declarada ou não, a corrida os armamentos, a opres-

são o colonialismo, o racismo e toda e qualquer outra forma de violência e atentado à pessoa e à dignidade humana?

É justamente esta interrogação que nos sugere o apelo inicial destas linhas.

Logo, o nosso apelo não pode ser mais do que um alerta que gostaríamos fosse escutado e atendido em toda a parte...

Acabem-se com as guerras, acabem-se com todos os instrumentos de morte e de terror, acabem-se com as violências e toda a sorte de opressão, de injustiças. Combata-se a fome, a doença, o obscurantismo, o analfabetismo, a mi-

séria física e mental e todas as formas de degradação moral e psicológica!...

Distribuem-se as riquezas, repartam-se os lucros, reconvertam-se os mesmos em benefício da Comunidade!...

Lute-se contra a «lei da selva», a lei do mais forte, a lei dos mais aptos, a lei do «super»!...

Conquiste-se uma paz verdadeira e universal, uma igualdade total a todos os níveis, conquiste-se a fraternidade e o AMOR; conquiste-se o HOMEM, na sua identidade de pessoa humana, de ser pensante, mortal, de ser criado por Deus!...

Se eu mudasse

- SE EU mudasse minha maneira de pensar, frente aos outros, me sentiria mais sereno.
- SE EU mudasse minha maneira de agir diante dos demais, os faria felizes.
- SE EU me aceitasse tal qual sou, questionando meus defeitos, melhoraria meu lugar, meu ambiente.
- SE EU desejasse sempre o bem-estar dos outros, eu seria feliz.
- SE EU encontrasse o positivo em todos, a vida seria digna de ser vivida.
- SE EU amasse o mundo, o mundo mudaria.
- SE EU me desse conta de que ao lastimar, o primeiro lastimado sou eu...
- SE EU criticasse menos e amasse mais...
- SE EU mudasse... mudaria o mundo.

CONTO

Era um sábado da parte de tarde

P. Dr. Adélio Torres Neiva

Ali. Havia de ser ali. A esquerda pinhais, sombras, saúde. Estrada, à mão de semear. E em frente, aquele pedaço de relva, onde o gado pastava sem dono, verão a cabo, estava mesmo a pedir mudança a re-crear. Não havia melhor sítio em toda a freguesia para uma escola a condizer. Não havia melhor, que o garantia o senhor Afonso; melhor: o senhor Professor.

— Tem o rio muito perto, senhor Afonso, muito perto, E as crianças...

Exactamente: o rio. Havia de comprar um barco e passear com as crianças no rio. Nos sábados, da parte de tarde. Sempre pensara em dar passeios com as crianças, aos sábados da parte de tarde. Subiriam pelo rio até à Azenha do Ferreira; depois subiriam ao monte do Castelo, à cidade. E havia de lhes contar a história daqueles montes, que aqueles montes estavam cheios de história. E o sr. Afonso abria os punhos o mais que podia a confirmar. Era pena que aquela história toda andasse ali esquecida, por aquelas fragas cheias de musgo, sem ninguém lhe limpar o pó.

A tardinha voltariam de barco à escola, seria o arrear da bandeira, e depois casa. Ah! quando viesse a escola!

Sim que Guilheta não tinha escola. Era uma vergonha, Guilheta sabia-o, mas não se incomodava. Os antigos não sabiam ler e boa conta davam do seu governo. Bisavós, avós, pais, todos passaram sem escola. E, lá no fundo, Guilheta rezava a Santa Tecla que nunca a escola lhe viesse perturbar o sossego e a paz.

O sr. Afonso é que não. Homem alto, engalgado, umas pernas que desafiavam a torre da igreja. Magrote. A cabeça parecia qualquer coisa empalhada no topo de uma vara de pinheiro e o casaco abanava ao vento, como se não tivesse ninguém dentro. Era Afonso e estava dito. Rapaz novo andou pelo cabo do mundo, correu terras, viu coisas do arco da velha. Regressou e quando regressou Guilheta mal o conheceu. As pernas sem fim, sim eram dele, a cabeça pendurada lá no alto, também não tenhas dúvidas. Mas sumido e apagado. Essas terras sem religião ficaram-lhe com as folias e as verduras antigas.

E depois aquela mania das letras. É certo que o homem cortava a direito letra redonda, tinha falas limpas onde os do seu tempo se sentiam poucos seguros. Para eles uma conversa sem meia dúzia de palavras, nem era conversa nem era nada. Correu mundo, não tendes de que vos admirar. Mas daí, a querer pôr toda a gente a ler por um livro como o padre a cortar latim ou a escrever como o juiz da vila, ia muita distância. Calma. Que contasse as suas prosas, mas que deixasse Guilheta em paz. Que não deixava. Aquela ideia da escola não lhe saía da mioleira. Queria por força plantar uma escola em Guilheta, como se ali fosse alguma cidade ou estrume para doutores. Fazia planos, escolhia sítios, e aquela ideia, pegada aos miolos como carraça à pele não o deixava em sossego. Já por mais de uma vez aborudara o tio Mercedes, homem que valia por uma freguesia inteira em carnes e haveres.

— Ora escolas. O que faz falta são braços para a terra. No tempo das mondas é uma penúria de pessoal; aquando da sacha não falemos; pelas ceifas é ver o grão a perder-se pelas herdades. Braços é que nós precisamos, sr. Afonso, braços. Já ouviu alguma vez ao P.e João dizer que eram precisas escolas para se ir para a glória? E o P.e João valia por uma sentença. O que ele dizia era assunto arrumado.

• • •

Mas o sr. Afonso tinha a dele e não perdoava. Passassem a qualquer hora do dia ali junto à janela do seu caselho e deitassem para dentro um canto do olho e lá o encontrariam afundado em livros antigos, onde ratos sem vergonha nem educação se haviam reconposto de fomes velhas. A vida dele era aquela. A malucar com os livros que era uma dor de alma. E Guilheta sentia a ferida na sua própria pele:

— Um homem com umas pernas daquelas, que nem de encomenda para esgalhar pinheiros, assim

(Continua na 4.ª pag.)

De longe chegam à Terra...

(Conclusão da 1.ª pag.)

infinita e o atraso do momento feliz da união celeste produz um sofrimento muito intenso que mal podemos imaginar, agravado pela certeza de que estão ali por sua culpa. O Purgatório é uma purificação do amor: o amor retardado em unir-se à Pessoa Amada faz sofrer e este sofrimento purifica a alma.

Existe o risco de apresentar o Purgatório como uma espécie de inferno que acaba. Ora não se pode ver os dois paralelamente, introduzindo apenas uma limitação de tempo no Purgatório. O sentido de ambos os estados é não só distinto, mas até absolutamente contrário a avaliar pelo sentimento íntimo dos que aí se encontram: o inferno centra-se no ódio, enquanto o purgatório é no amor.

Mas voltemos ao sofrimento dessas almas... Porque deixa o bom Deus, em tão grandes tormentos, essas almas que já o amam tanto e tudo dariam para se unirem a Ele? De certo modo podemos dizer que aqui há um engano: não é Deus que as impede de se aproximarem, mas as próprias almas que se veem indignas de tal.

Numa visão, Santa Gertrudes contemplou a alma de uma pessoa que passara a sua vida no exercício das maiores virtudes. Estava na presença do Senhor, revestida das insígnias da caridade, mas sem ousar levantar os olhos para a face adorável do Salvador. Permanecia com os olhos baixos, na atitude de um criminoso, testemunhando por seus gestos que se queria afastar do seu Divino Mestre.

A Santa, assombrada dum proceder singular, quis conhecer a razão: «Deus de bondade, diz ela, porque não recebeis esta alma junto de vós?»

A estas palavras, o Senhor estende os braços com amor, como se tivesse querido atrair essa alma a Si. Mas ela afastou-se numa respeitosa humildade. Santa Gertrudes ainda mais admirada ficou com a fuga e perguntou à Pessoa a razão de tal atitude, ao que ela respondeu:

«Porque não estou ainda purificada das manchas que as minhas faltas deixaram em mim; e, se Deus me concedesse, no estado em que estou, a livre entrada no céu, eu não o consentiria, porque por mais brilhante que eu parecesse a seus olhos, sei que não sou ainda uma esposa digna do meu Senhor».

Se elas nada mais podem fazer para expiar os seus sofrimentos, todavia uma parte de pena, correspondente aos sufrágios feitos na terra por elas, é-lhes perdoada e mais depressa entram no *festim da Glória*. Aqui começa o problema a dizer-nos respeito. Se vissemos alguém prestes a afogar-se entre angustiantes gritos de socorro, nenhum de nós deixaria de fazer o possível e o impossível para o salvar, ficando-nos ainda uma angústia imensa na alma, caso o não tivéssemos conseguido... E esta alma, em seu doloroso viver não nos merecerá maior cuidado ainda? Estava em dizer que a imensidade dos seus sofrimentos só tem uma medida que os iguala — é a imensidão da nossa frieza, do nosso esquecimento e da nossa preguiça em as sufragar.

Que obrigação tenho eu de as sufragar? Só porque me deixaram uma herança? Só porque os laços do sangue nos uniram na terra? Isto

são causas agravantes, isto é, motivos e razões que aumentam a obrigação de o fazer, nas esta obrigação provém da caridade que mora em nossas almas. S. Tomás ensina-nos que a caridade é incompleta, se não abrange os vivos e os defuntos. A Igreja é um Corpo cujos membros ou vivem ainda na terra, ou aguardam em dolorosa esperança a coroa celeste no purgatório ou então ganham já o Hino Celestial na Visão Beatífica do Céu. O Amor derramado em nossos corações pressiona-nos a atender e a ajudar os membros que sofrem no Corpo, para que todo o corpo viva feliz. Esta a grande razão que nos há-de levar a sufragar com todas as nossas forças as Almas do Purgatório que tanto padecem.

Talvez, com vários dos nossos emigrantes de S. Paio de Antas, se tenha dado o caso de «sair em a monte» para a França entre todos os perigos possíveis e imaginários; enquanto ele vivia esse aventura, em sua casa, havia orações e lágrimas de uma Mãe ou de uma esposa, houve corações amargurados até à chegada da primeira carta a dar a notícia da feliz estadia e do bom êxito da jornada... Também as almas do purgatório, salvas as devidas diferenças, vivem aventura semelhante até ao Porto Seguro. Mas quem se preocupa a sério pela sua viagem?

O Mês de Novembro, tradicionalmente dedicado a sufragar essas Almas benditas em tormentos, seja vivido por você — eu farei o mesmo — numa verdadeira preocupação por elas. A Santa Missa e a Sagrada Comunhão e todas as demais orações são sufrágios valiosíssimos, mas há muitos mais que descuidamos: pode sê-lo toda a obra boa oferecida a Deus com essa intenção; toda a obra pequena ou grande, salientando-se aqui as contrariedades da nossa vida recebidas com amor resignado.

Há poucos anos, numa das paróquias da nossa Arquidiocese, decorria o mês das almas, com o qual bem poucos se interessavam. O pároco pedia insistentemente, fazendo eco dos sofrimentos do Purgatório, mas ninguém ousava sair da sua vida egoísta para ir sufragar as Almas...

A meio do mês, quando começavam a romper os primeiros fulgores da aurora, ouve-se o sino da terra a tocar desesperadamente a rebate. Toda aquela gente se levanta do seu descanso matinal e procura ver onde será o incêndio que se prevê ser grande pelo toque do sino. Como não vislumbram o menor indício do mesmo, agarram em baldes e vão junto do sino saber onde era o fogo. Veem-se chegar grandes grupos até se reunir ali quase toda a freguesia porque o sino não parava de tocar. À medida que iam chegando perguntavam pelo incêndio, mas, impassível, o homem limitava-se a tocar o sino aflitivamente... até que parou. Voltou-se para aquela multidão e exclamou: «Então hoje viestes todos apagar o fogo que devora os corpos, quando há tanto tempo vos estou a avisar do incêndio que aflige as Almas do Purgatório e não vos importastes!» Era o pároco que dominante viu a freguesia a rezar pelos mortos.

Terá o nosso Reitor de fazer o mesmo aqui?

As almas que libertarmos serão outras tantas intercessoras a garantir a nossa felicidade eterna e temporal. Leiamos atentamente caso tão significativo:

Maria, jovem e piedosa costu-

reira, todos os meses mandava dizer uma Missa pela alma que estivesse mais próxima a sair do Purgatório. Uma doença a reteve na cama um ano inteiro, durante o qual perdeu todos os seus fregueses. Depois de restabelecida pensou em colocar-se como criada de servir e tratou de arranjar patrões.

A sua primeira saída foi para a Igreja. Ia cabisbaixa e triste, e pelo caminho lembrou-se de que durante a doença não cumprira o que prometeu às almas atormentadas. Que fazer? A doença levava-lhe todas as suas reduzidas economias; só lhe restava uma moeda de prata, justamente o que era preciso para comprar um pouco de pão, ou... para mandar celebrar uma Missa. Maria não hesitou, porque as chamadas do Purgatório são muito mais dolorosas do que sofrer a fome; resolveu mandar dizer a Missa e abandonou-se nas mãos do divina Providência.

Após a Missa, sai da Igreja, encaminhando-se para casa de uma amiga; mas, na rua, veio ao seu encontro um jovem bem vestido que lhe disse:

— Anda à procura de colocação?

— Sim, senhor; mas como pôde o senhor sabê-lo, se eu não o disse a ninguém, e demais a mais não o conheço?

— Isso não quer dizer nada — disse o desconhecido com um sorriso cheio de bondade — vá a tal rua e tal número; aí encontrará uma senhora, que a tomará ao seu serviço, e com a qual será muito feliz!

Maria correu ao sítio indicado. A casa era um verdadeiro palácio, e veio abrir-lhe a porta uma senhora muito elegante, que ia sair precisamente para arranjar criada, e que ficou muito espantada com a chegada de Maria e com o que ela lhe contou.

Subiram para o interior do palácio, e logo na primeira sala os olhos de Maria foram parar num formoso retrato.

— Minha senhora! Minha senhora! — exclamou comovida — é este o jovem que me indicou a sua casa, e cuja angelical formosura jamais esquecerei.

A dama empalideceu e caiu desmaiada num sofá. Quando voltou a si, disse:

— Mas que é que dizes? Este é o retrato de meu filho que morreu há quatro anos!

Maria compreendeu logo como Deus fora bom com ela. Ajoelhou-se ao lado da pobre mãe desfeita em lágrimas e contou-lhe a sua história, não omitindo a Missa mandada celebrar, e o seu completo abandono nas mãos da Providência.

— Minha querida filha — disse então a dama, abraçando-a — devote a felicidade de meu filho! Morreu com tanta piedade e fervor, que eu acreditava que já há muito estivesse no Céu. Se não fosses tu, ainda estaria no Purgatório. Foi ele que te mandou aqui: Bendito seja Deus! Tu ficarás sempre comigo, não como criada, mas como uma amiga, uma irmã.

Este facto tão comovedor e elucidativo foi referido por um respeitável sacerdote a quem a própria Maria o contara. Meditemo-lo e deixemos que a nossa consciência nos acorde para o esquecimento em que temos deixado os nossos queridos familiares que partiram adiante de nós e nunca mais esqueçamos quem tanto de nós precisa.

F. C.

Recinto Paroquial do complexo da Fábrica da Igreja

S. Paio de Antas
Esposende — Portugal

«Quem de boa vontade dá,
Deus lhe acrescentará»

A Comissão Fabriqueira desta Comunidade Paroquial da grande Família de S. Paio de Antas, sente-se no indeclinável dever de apresentar o relatório da movimentação de contas e, lançar um APELO DE GENEROSIDADE a todos os filhos desta terra cristã, laboriosa e trabalhadora. Fascinada pelo Ideal da nobre missão de BEM SERVIR OS INTERESSES DA CAUSA DA IGREJA, rende homenagem ao povo trabalhador, caldeado pela dureza e monotonia do trabalho dos campos, oficinas e das fábricas, que, aos sábados (Verão 77) lançaram sementeiras de suor de bons trabalhos, cimentando, deste modo, a alegria da fraternidade, a revitalização de Fé, o acalorar do bairrismo e o aperfeiçoamento da generosidade.

Assim, a Obra do restauro da Igreja e urbanização de seu amplo recinto paroquial perpetuará pelos tempos fora, às gerações futuras o INTERESSE E FÉ deste Povo que num autêntico desafio ao seu querer se lançou na concretização dum sonho: acabamento de uma Obra que importou em cerca de um milhão de escudos.

Oportunidade única e grandiosa onde novos e velhos, ricos e pobres, presentes e ausentes, certos de que valeu a pena, darão provas cabais de que com sua capacidade generosa serão capazes de amortizar tão grande dívida que reverteu para o Progresso da nossa Terra Natal.

Uniremos, sob a Luz da Igreja, para resistir ao isolacionismo e mesquinhez egoísta; lutaremos para vencer a batalha da Promoção e Bem-Estar de toda a Família Paroquial a fim de se viver com mais optimismo e esperança, com mais sentido e alegria.

A colmar este encontro, por escrito, lembramos que nas amplas dimensões do recinto (2.500 m²) encontraremos o prazer do convívio, o silêncio do repouso e o acolhimento da meditação, certeza de coisa útil.

Com vontade infrene de SERVIR MAIS E MELHOR e reivindicar «CADA VEZ MAIS TUDO DEPENDERÁ DE TODOS», a Comissão Fabriqueira aguarda uma resposta e, num voto de CONFIANÇA formula uma prece: que todos sejam compensados segundo a medida do Evangelho «a cem por um».

Antas, 1.º Domingo de Agosto (Festa de N.ª S.ª das Vitórias) de 1977

A COMISSÃO FABRIQUEIRA

À SOMBRA DA CRUZ



Presentes na nossa gratidão e saudade.

Em Setembro

Dia 27 — Maria Rodrigues de Azevedo (Maria do Lajota), faleceu às vinte e uma horas, no lugar do Monte tendo recebido os sacramentos da Penitência, S.ta Unção e Eucaristia, com a idade de 82 anos de idade, filha de Maria Rodrigues de Azevedo.

Dia 30 — Maria Gonçalves Rolo «Maria do Pequica», fa-

leceu às quatro horas, no lugar de Guilheta, reconfortada com os sacramentos da Santa Igreja, com a idade de 75 anos, filha de Francisco Rodrigues Lapeiro e de Rosa Gonçalves.

«Voz de Antas» acompanhou as famílias nestes momentos dolorosos e formulou uma prece a fim de que o Senhor conceda o eterno descanso, a estas que nos deixaram sem o seu convívio. Paz às suas almas.

sacramentos



Uniram os seus destinos pelos laços do Matrimónio:

Em Outubro

Dia 22 — José Lapeiro de Sá, de 22 anos de idade, filho de Manuel Dias de Sá e de Maria Rodrigues Lapeiro, residente no lugar de Guilheta, com Maria Lectbicia Pires de Sá de 25 anos de idade, filha

de Manuel Fernandes de Sá e de Maria Pires, residente no lugar da Estrada.

Dia 30 — Manuel Albino Martins de Sá, de 28 anos de idade, filho de Albino Pereira de Sá e de Maria da Cunha Alves Martins, do lugar da Estrada, com Carolina Pereira Neiva, de 23 anos de idade, filha de Manuel Gonçalves Neiva Novo e de Helena Pe-

Síntese de notícias

É interessante saber que:

— Rectificação

A Comissão de Festas a S.ta Tecla «exigiu» a rectificação das contas. A tipografia omitiu duas parcelas de despesa motivando deste modo uma soma, lá apresentada, que corresponderia à realidade se lá estivessem discriminadas as ditas parcelas.

— Enfermagem e Saúde

No dia 16 de Outubro p. p., realizou-se sob a orientação da Enfermeira Maria Augus-

ta Correia, de Belinho, um encontro para mães e noivas. A JAEOCA — Sector de enfermagem, agradeceu e promoverá um curso materno-infantil.

— A Comissão Fabriqueira

Abordou no dia 8 de Outubro p. p., a Casa de Belinho, para reserva do terreno que medeia o Gimnodesportivo e o caminho do lugar do Monte, junto à estrada. Se a paróquia o permitir, possivelmente, lá ficará implantado o parque infantil, requerido ao Ministério dos Assuntos Sociais através da Assistência à Família.

— Concelebração e Exéquias Solenes

Serão mandados celebrar pela JAEOCA, no mês de Novembro, em sufrágio dos associados falecidos (Fernando Barraca e Zé tratorista), dando cumprimento às disposições estatutárias.

— Novo Comércio

No lugar da Estrada, abriu ao público nova Casa com Secção de Mercaria, ferragens e materiais de construção civil. À face da estrada municipal, o seu proprietário Azevedo «Laranjeira» pensa fazer «bom» negócio. Parabéns, pela iniciativa e conte conosco!

— As Zeladoras

Da capela de Santa Tecla, continuarão a fazer o bom (Conclui na 11.ª pág.)

reira de Sá, do lugar da Estrada.

Em Santa Luzia

David Pedreira Rodrigues, de 24 anos de idade, com Maria Alda Gonçalves da Costa, de 20 anos de idade.

Em S. Romão

José Manuel Xavier da Costa, de 22 anos de idade, com Maria de Fátima Rodrigues de Barros, de 17 anos de idade.

Baptizados

Novos filhos de Deus pelo Baptismo:

Em Setembro

Dia 16 — Patrício Rodrigues da Cruz, filho de Eduardo Viana da Cruz e de Clementina Rodrigues da Cruz, nascido em Issy les Moulineaux-França, no dia 25 de Novembro de 1976.

Assumiram a responsabilidade de padrinhos: Amândio Viana da Cruz e Maria Martins Pereira, ambos de Azevedo.

Dia 18 — Pedro Alexandre Neiva e Cabral dos Santos, filho de Amadeu Cabral dos Santos e de Maria dos Prazeres Viana Neiva e Cabral dos Santos, nascido na paróquia de S. João Baptista, concelho de Nampula (Moçambique), no dia 4 de Março de 1974. Padrinhos: Agostinho José Alves do Rio e Mabilia Cabral dos Santos, residentes no Porto.

Dia 18 — Nuno Filipe Neiva e Cabral dos Santos, filho de Amadeu Cabral dos Santos e de Maria dos Prazeres Viana Neiva e Cabral dos Santos, nascido em Salisbúria (Rodésia), no dia 6 de Fevereiro de 1976. Responsabilizaram-se pelo múnus de padrinhos: Manuel Viana Neiva, de Azevedo e Maria de Lurdes de Lima Neiva, de Forjães.



Amigo leitor de Voz de Antas, se pensa pagar a assinatura do seu jornal, e ainda o não fez, deverá fazê-lo até meados do mês de Novembro a fim de se apresentarem as contas, em Dezembro — festa de aniversário de Voz de Antas, Edição Especial.

A Administração

ASSINATURA ANUAL . . . 75\$00
ASSINATURA (Estrangeiro) 95\$00

Talvez goste de saber que...

— Aos quatro dias do mês de Agosto de 1963, Sua Ex.^a Rev.^a D. Francisco Maria da Silva, administrou o Santo Crisma a 171 pessoas do sexo masculino e 177 do sexo feminino.

— Em 1974, as festas a N.^o S.^o das Vitórias importaram uma despesa de 73.166\$80, para uma receita de 44.914\$50, tendo cada comissário «aguentado» com 140\$00.

— O peditório dos Bombeiros Voluntários de Esposende, em Antas, rendeu 5.040\$.

— Na data em que encerramos os serviços de Redac-

ção do nosso jornal, a Construção Civil está parada... falta cimento e ferro! Assim vai, «o meu país»!!!

— O Visconde resolveu alienar os seus «lavrados» e algumas bouças. Da freguesia saíram milhares e milhares de contos, mas os negócios saíram chorudos para quem comprou as terras que trazia arrendadas. Parabéns aos bafejados pela sorte.

— Realizou-se, em Setembro o I concurso lípico em Esposende.

— Ainda faltam muitos associados da JAEOCA entre-

gar 2 fotografias, a fim de obterem o cartão de associados. Não esperem mais tempo. Os emigrantes façam-nas chegar por qualquer meio, a fim de lhes serem enviados pelo correio os respectivos cartões.

— Quando alguém vesceferrou: A nossa freguesia esquecida. De quem é a culpa? Alguém respondeu dizendo que a culpa é de quem calunia e achincalha a Junta de freguesia, porque esta tem dado o melhor para solucionar as suas carências e... o que não faz é «milagres» e já os outros que ocuparam a mesma Pasta «os» não fizeram! Por-

tanta, senhores camaradas, tenham paciência... E, vamos todos ombro a ombro, trabalhar para ganhar a batalha do Progresso.

— A Escola Primária de Azevedo é frequentada por 107 crianças, e a de Estrada por 110.

Na Telescola, o 1.^o ano com 53 alunos (em quatro turmas) e o 2.^o ano com 27.

— Voz de Antas não publica à semelhança de outros jornais, cartas anónimas (que pretendam ocultar o nome e o endereço) o que poderia levar os leitores a imaginar... mais uma «invenção» do carteiro!!!

Dia Mundial das Missões

Realizou-se no dia 23 de Outubro p. p. a celebração do Dia Mundial das Missões. A propósito, perguntava-se:

QUE FAZEM OS MISSIONÁRIOS?

- Anunciam o Evangelho de Jesus Cristo
- Levam a salvação de Deus a toda a parte
- Libertam os homens de todas as formas de escravidão
- Constroem escolas
- Ensinam a ler
- Dão consciência às pessoas da sua dignidade
- Controem obras de assistência: hospitais, asilos, orfanatos, creches
- Procuram construir um mundo mais humano e fraterno.

«Amar os pobres, amar os felizes e os infelizes, amar o vizinho, amar o desconhecido, amar o próximo que está no cabo do mundo, amar, amar...»

Sem isto não há genuflexões, sinos ou quaresmas que valham: se não amas, não és cristão. Diz Péguy: não é cristão aquele que não dá a mão».

RAUL FOLLEREAU

ACONTECEU NAS TERRAS DE PENEDO

Abriu o tempo de caça. Dilírio dos amantes deste deserto. Na nossa terra, contam-se por 40 e tal! Quatro grupos de caçadores deslocaram-se para terras de Penedo (Mogadouro), concelho de Macedo de Cavaleiros. Foi o dia 5 de Outubro de 1977, a data mais célebre que lhes ficou. Um grupo composto por Armando Rolo, Abel Costa e Floriano Barros penetrou na serra. Ao cair da tarde, o Floriano desorientou-se e caminhou na companhia do seu fiel «amigo» o cão, em sentido oposto. A noite chuvosa e escura como bréu! Aflição e desespero nos restantes que o esperavam na pensão Saldanha já por eles conhecida. Toda a aldeia se mobiliza, num desafio à noite invernosa, na «caça» ao homem! e... nada. No dia seguinte encontrava-se com ligeiros ferimentos, a pedir boleia à distância de 25 km. do local combinado. Uma alegria, ao ver o homem «morto», e reaparecido. Um D. Sebastião! Um episódio que

DE BELINHO

— Grave acidente de trabalho vitimou o nosso Amigo Orlando Sampaio Coutinho, emigrado em França desde 1963. No trilho dos árduos caminhos da Emigração, Belinho perdeu um dos seus ilustres filhos. Nascido em 22 de Agosto de 1945, faleceu em 15 de Setembro de 1977. A família enlutada «Voz de Antas» apresentou o seu cartão de condolências e recordou-lhe a Promessa da Imortalidade.

— A nova escola fica no lugar de Infesta, na propriedade de «As Ruas». Constatou-se que dentro em breve ia ser posta a concurso. Verdade?!

— A catequese teve início no dia 2 de Outubro p. p. Louvor e coragem aos catequistas que dão grandes sacrificios para a Causa da Igreja.

C. «O amigo do Saber»

dará para narrar e romançar!

Com ar de cansados, chegaram são e salvos todos os caçadores, sem vontade de se meterem noutra tão cedo!... Relataram emocionados o espírito de camaradagem e solidariedade daquele povo!

P'ra Igreja -- Obras paroquiais

— a nossa causa (2.^a fase)

Com imenso agrado e particular estima, registamos as generosas ofertas em prol das grandes obras que todos pretendemos levar avante, para o progresso da nossa terra:

António Fernandes Gomes — Belinho	1.500\$00
António Alves da Cunha — Monte	1.000\$00
Alberto Gonçalves Rolo — Guilheta	1.000\$00
António Penteado — Guilheta	1.000\$00
Alguém — Guilheta	500\$00
Alguém	500\$00
António G. Narciso (Legado a Cândido e Luciano)	2.000\$00
António Gonçalves Costa (Pijeiro) — Belinho	1.000\$00
Carlos Viana da Cruz — Pereira	1.500\$00
Cândido Alves Pereira — Belinho	750\$00
Domingos Alves da Cunha — Belinho	500\$00
José Rodrigues Lapeiro Júnior — Guilheta	2.000\$00
José Augusto da Cruz (do Eduardo) — Azevedo	1.000\$00
José Dias Laranjeira (do Artur) — Guilheta	1.000\$00
Emílio Meira da Cruz (Saleiro) — Monte	1.000\$00
José da Gageira — Guilheta	1.500\$00
José Joaquim Durães Moreira — Monte	1.000\$00
Emílio Rolo de Azevedo (do Mestre) — Azevedo	1.000\$00
José Alves da Cruz (Zé do Grilo) — Azevedo	1.000\$00
José Meira da Cruz — Azevedo	1.000\$00
José Maria Barbosa — Estrada	100\$00
Francisco Lapeiro — Guilheta	1.000\$00
Manuel Augusto Gonçalves Portela — Guilheta	1.000\$00
Manuel Laranjeira Gomes (do Louro) — Belinho	1.500\$00
Maria Alves Rolo (da Pinta) — Azevedo	1.000\$00
Manuel Martins Ledo (Barbado) — Belinho	2.000\$00
Manuel Alves Rolo (do Paulo) — Azevedo	1.000\$00
Manuel A. Sampaio (do Caramalho) — Azevedo	1.000\$00
Manuel Fernandes de Sá — Azevedo	1.000\$00
Manuel F. da Cruz Viana (Manuel Sá) — Azevedo	1.000\$00
Manuel Martins da Silva (Manôa) — Pereira	1.000\$00
Maria Alves T. Lima (da Conceição) — Azevedo	1.000\$00
Maria A. Viana da Cruz (Irmãs) — Moçambique	500\$00
Manuel Fernandes de Sá (Neco d'Amélia) — Estrada	500\$00
Manuel Rodrigues Viana Júnior (Duque) — Monte	500\$00
Ana Fernandes de Sá — Monte	40\$00
Umbelina Gonçalves Pereira Viana — Azevedo	1.000\$00
Sebastião Alves da Cruz (Moleiro) 1. ^a prestação	500\$00
Maria da Conceição Eiras — Guilheta	200\$00

A paróquia reconhecidamente grata pela obra de todos nós.

Conto

(Continuação da 2.^a pág.)

naquela inutilidade, sem dar o corpo ao manifesto! Ah! Não havia direito.

Das cinco às sete é que não. Escusavam de o procurar em casa. Andava pelas vinhas, pelas hortas, lá mais para a tarde a dar a voltita pelos verdes. Onde encontrasse gente aí estava ele a falar da escola. (A gente sabendo ler isto, a gente não sabendo, aquilo... uma trapalhada complicada que se enrolava na cabeça daquela gente e a deixava sem atinar com uma aberta).

Ao princípio dois, mais tarde à volta da meia dúzia de garotos sentadas nas escadas, e ele ao fundo a dar leis como o regente da banda, a verdade é que o sr. Afonso ia levando a água ao moinho. Quem passava ao portal parava, com os ouvidos abertos para a lenga-lenga — B... A — BA; B... É BÉ.

No fim, a garotada, muito convencida: — Boa tarde, sr. professor. Até amanhã, sr. professor.

Foi ele próprio, professor Afonso Silva de Almeida quem dera as instruções. Sim, vocês compreendem, eu sou professor e vocês são os alunos.

E a miudagem compreendeu que o título de professor revertia em favor deles. Por isso em casa, era o senhor professor para aqui, o senhor professor para ali. E Guilheta acabara por dar razão à miudagem. E a moda do sr. professor pegou. E o sr. Afonso acabou por desaparecer da toponímia da terra.

Aquela cisma afinal não era tão zoirada como se dizia. Que mal havia em saber ler? Mesmo o padre João, achava que sim, senhores, que tudo considerado, era de louvar. Ignorância não enchia estômago. E o padre João sabia o que dizia, oh! se sabia! Ouviram-no a pregar o sermão das almas, naqueles dias encolhidos de Novembro. (No mar tempestuoso desta vida...) Era pena que a voz lhe estivesse a fugir, que entendido como aquele não havia nas bandas de cá da serra.

Foi por essa altura que o sr. professor redobrou de diligências em favor da escola nova. O tio Mereces dava o terreno (Paciência! Perco o amor aos pastos, mas faça-se a vontade ao velho. Por minha causa não é que a escola há-de deixar de vir). É que o filho, desde que o professor lho pescara lá para a lenga-lenga da escada, já somara as contas como um homem de barba na cara! O espirrete!

Acabou-se, dava o terreno. E se a questão era da madeira, que andassem para a frente. Em Guilheta ainda havia gente de bigode!

A aldeia fizera definitivamente as pazes com o professor. O sr. professor parecia um rapaz novo. Duas, três vezes por semana, lá enfiava ele pelos montes, na direcção dos pinhais. Ia à vila, pois onde é que havia ele de ir. Ou a escola vinha ou Guilheta em peso iria lá buscá-la.

— Ande p'rá frente, sr. professor, que nós cá estamos.

E estavam de verdade. Guilheta acabou por

(Continua na 8.^a pág.)

JUVENTUDE e DIDA

Já temos um país novo!
Já temos democracia!
Palavras qu'ouviu o povo
três anos, dia após dia.

Saltam muitos para a rua
reina grande confusão
o povo trabalha e sua
p'ra comer amargo pão.

— Estão a ser explorados!
— Trabalham de sol a sol!
Dizem netos «Abrilados»
ao avô e mais à avó.

Os cafés são hoje escolas
são p'ra muitos um emprego;
não ganham, não pedem
'smolas
como vivem não percebe.

Há quem possa e nada faça
simplesmente por não q'rer
há portugueses de raça
que trabalham a sofrer.

Dizem que o rumo vai certo
que vamos no bom caminho
mas ou eu sou muito 'sperto
ou quem diz está cequinho.

Quando um homem deve a
outro
e não lhe pode pagar
diz o povo muito afouto:
fulano 'stá p'ra 'stourar.

Quando numa casa o pai
não sabe os filhos calar
com esta o povo se sai:
— nunca soube governar!

Três anos já são passados
e por eles afirmamos:
se já fomos explorados
pois «inda» continuamos.

Os trabalhadores são menos
aumentam os vagabundos
os recursos são pequenos
as reservas 'stão nos
«fundos»

Mas p'ra tudo endireitar
«inda» há uma solução:
fazer os «lérias» calar
pôr-lhes enxadas nas mãos.

Meirinho

Catequese

-- VIDA DA IGREJA

No dia 2 de Outubro p. p. 33 catequistas após devida preparação cimentada com a oração (re)iniciaram as suas actividades incansáveis — as sessões de catequese. A 1.ª classe é frequentada por 50 crianças, distribuídas por 7 grupos, nas naves laterais da igreja paroquial.

A 2.ª classe, por 60 crianças, em 8 grupos, ocupando as salas do C. N. E., Comissão Fabriqueira e Camarins.

A 3.ª classe, com 80 para 13 catequistas, no salão recreativo.

A 4.ª classe, com 100 crianças, que ocuparão as salas do 2.º piso do centro paroquial.

Adoptamos os seguintes guias (pais e catequistas) e catecismos (crianças): «Deus chama-nos (1.ª classe); «Vivemos no Senhor» (2.ª classe); «Cristo está no meio de nós» (3.ª classe); (Caminhamos para o Senhor» (4.ª classe).

São os seguintes educadores da Fé: 1.ª classe — Ermelinda (responsável, Matilde, Útilia, Angélica, Acida, Lurdes, Margarida.

2.ª classe — Graça (responsável); Manuel Neiva, M. Brito, Adília, Cândida, Irene, Útilia, Fátima, Carolina.

3.ª classe — Lurdes (responsável), Virgínia, Augusta Neiva, Augusta Rolo, Pia, Nelinho.

4.ª classe — Isabel (responsável de toda a catequese), Ribeirinho, Adélio, Ju, Gorett Viana.

Confiantes da ajuda dos pais como primeiros responsáveis e catequistas, prometemos reunir com eles, por classe, uma vez por trimestre.

Exigimos: a) Faixa de cruzada e participação nas procissões. b) Nada de críticas negativas diante dos filhos (se frequentam a catequese). c) Seguir com interesse as sessões de catequese.

A MEUS PAIS

*Meu bom pai de cabeça erguida
eu sou a causa do suor que corre do
teu rosto*

*Nos teus olhos mansos
eu encontro o Norte para a minha
vida.*

*E tu mãe, com esse ar de felicidade
eu vejo-te como divina
na tua alma juvenil
eu vejo aquilo que é a Verdade.*

*Nas mãos que unistes, ó corações,
quero repousar a minha jovem alma
e deposito em vós o meu sonho
alimentado.*

*Embora o não fizesse totalmente
mesmo assim confio no vosso perdão
paciente,
e todo eu vos digo: Muito Obrigado.*

A. N.

Queres ser jovem ?

- 1 — Sê sincero. Despreza a hipocrisia.
- 2 — Sê coerente. Não queiras fantochadas.
- 3 — Sê aventureiro. Foge da mediocridade.
- 4 — Sê generoso. Abandona o egoísmo.
- 5 — Sê verdadeiro. Abomina a mentira.
- 6 — Sê magnânimo. Vence a mesquinhez.
- 7 — Sê amigo. Repele o ódio.
- 8 — Sê caridoso. Corta a inveja.
- 9 — Sê justo. Abaixo a injustiça!
- 10 — Sê trabalhador. Afasta a preguiça.

VINDIMAS

(Recordando as vindimas-76 no I. M. E. S. — Barcelos)

*Estão as vinhas
todas carregadinhas
de uvas doiradas.*

*Desde a manhã ao pôr do sol
nós, vindimadores,
fomos colhendo
as uvas maduras,
docinhas como o mel;
Fomos colhendo
dos muitos lateiros
as uvas de moscatel.*

*E as tristes videiras
lá vão ficando vindimadas.
Nós, rapazes alegres
entre cantigas
e gargalhadas
sempre ligeiros*

*vamos deixando
sem uvas os lateiros.*

*Agora depois de dias
de trabalho até sol posto
lá ferve o mosto,
no lagar.
Sobe acima
tão vermelhinho,
e é tão docinho
que até apetece provar.*

*É vinho novo,
é a alegria do povo,
entusiasmo do maralhal.*

*Ó Manel dá cá a tijela/tem
cuidado e cautela
olha que é vinho do lavrador
tirado com muito amor.*

A. N.

Tudo parecia querer anunciar-me o grande acontecimento: era o sol que parecia mais brilhante, eram as aves que pareciam cantar mais suavemente, eram as flores que se tornavam ainda mais belas, era a música que parecia mais melodiosa, era numa palavra toda a natureza diferente, eras tu, enfim, meu pequenino ser, filho da minha alma, corpo do meu corpo que me preparavas este momento tão feliz: o teu nascimento!

E eis que és colocado nos meus braços, qual avezinha sem ninho à procura de amparo! Terás tu, meu filho, aquilo que procuras através desses olhos muito abertos que dir-se-iam interrogar o mundo? Poderei eu, meu filho dar-te essa força que os teus bracitos procuram ao agitarem-se, qual barco sem leme ao sabor da corrente?

Conseguirás ser Homem, numa sociedade onde imperam a guerra, a violência, o terror e toda a sorte de injustiças?

Serás capaz de triunfar numa sociedade «feita» para o mais «FORTE», o mais «APTO», o mais «RENTÁVEL», o «MELHOR»?

São interrogações que ponho a mim própria, num dia tão feliz, tão único, como este, o do teu nascimento!

Mas existe a alegria e a esperança! E eu vou ter confiança em ti, nos homens, na sociedade. E assim sendo, o teu futuro, a tua vida será uma luta contínua, mas coroada de êxitos e de felicidade, para que num momento alto de reflexão, já homem, já pai, já avô possas dizer convictamente: valeu a pena ter vindo ao Mundo...

«Quem Sou?»

Quem sou?

Talvez...

O dia de hoje

Não sei.

Sou brisa

sou vento

Um suspiro

Um queixume

Um lamento

Sou pássaro voando

madrugadas

Sou música

Em movimento

Amizade

Amor

Sou pensamento

Sou mundo

Em trepidação

Ou folha caída

Que se perdeu no chão

Sou aquele homem

Que chora

Sou aquele que ri

Sou ainda o que estuda

Sou a vida em si

Sou tempestade

Miséria

Pouca sorte

Sou flor

Sou moribundo

Que procura a sorte

Sou criança

Sinto compreensão

E sou um mundo

Feito de confusão

Sou barco

A lutar contra a maré

Sou afinal tudo

o que os outros são

e aquilo que ninguém é.

«TU»

*Tu és o sonho que sonhei,
a flor que colhi e não plantei
o amor dos amores que vivi,
a dor que já senti.*

*Estás num verso de um
poema,*

*nas linhas em prosa de um
tema*

*que um dia um poeta pensou
mas que, por ser poeta, nunca
acabou.*

Vives a pureza da nascente,

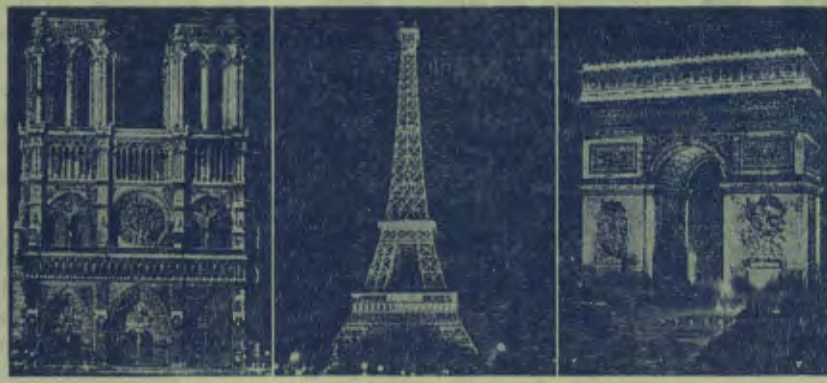
*o doce sussurrar do sol no
poente,*

*o som alegre do despertar
duma ave no azul a cantar.*

*És cristal em cristaleira,
coração vibrando num peito,*

*como estando numa
fogueira...*

*Choras ao sentir a dor,
ris com a felicidade,
és vida, ar, és amor.*



Tribuna do ausente

ECOS DO EMIGRANTE

Missa celebrada em português

EM BELLEVILLE — FRANÇA

Belleville 2-10-77

P.e Brito, no respeitante ao assunto por si abordado na nossa reunião de Emigrantes, sobre a possível vinda de V. Reverência, cá, a Belleville, cabe-nos dizer que: **TUDO ORGANIZADO.** Falamos com o pároco de Belleville o que muito o alegrou por não haver memória de ser celebrada missa, cá, em português, desde que principiou a emigração.

Ele deu notícia do acontecimento no jornal desta zona, a fim de que todos os emigrantes portugueses, tomem conhecimento e participem na Missa. Será no dia 11 de Novembro, pelas 11 horas. E esperando resposta do Sr. P.e Brito, cá aguardamos impacientemente alegres pelo dia

Sabia que:

Mosaico

Depois de um período de férias, abriu em França no domingo dois de Outubro o programa de televisão Mosaico.

É uma emissão do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e do Ofício nacional para

tão desejado de o termos junto a nós e... *Les Dragons*, se nada houver em contrário.

Com isto passamos a terminar, pedindo-lhe que aceite os nossos sinceros cumprimentos.

António Costa e Manuel Laranjeira

Belleville 3-10-77

Padre Brito, saúde em primeiro de tudo. Por nós, os Emigrantes desta localidade, tudo organizado.

Igreja. Sala para convívio. E... musique deste joie avec «*Les Dragons*». Será acolhido na casa do Serafim.

Ao dispor,

Rolo Serafim

S. Martinho de Tours

Foi o primeiro Confessor honrado pela Igreja do Ocidente. Ainda catecúmeno, deu, um dia, parte do seu manto a um pobre. Na noite seguinte, Jesus apareceu-lhe vestido com esse manto e disse: «*Martinho, simples catecúmeno, cobriu-me com esta vesta*». Aos dezoito anos re-

cebeu o Baptismo e exigiu um mosteiro para onde se retirou com alguns discípulos. Foi nomeado Bispo de Tours. Morreu em 397. Realizaram-se muitos milagres junto do seu túmulo. É o santo popular da França. A sua capa era levada à frente dos exércitos em tempos de guerra.

LEMOS!...

Um nosso Emigrante falecido em França

não poderá repousar em terra portuguesa?

Será negada a um emigrante português, falecido no país estrangeiro onde trabalha, a possibilidade de poder repousar em terras de Portugal? Não poderá a família dum emigrante, morto no estrangeiro, transferir o dinheiro necessário, para pagar as despesas com a traslação do corpo, que as entidades desse país exigem em moeda de lá? Um emigrante, que durante largos anos tenha enviado divisas para Portugal, para auxiliar a economia deste país se tiver a infelicidade de ser vítima dum acidente mortal, será recusada à família aquela indispensável transferência, para que o funeral se faça na sua terra natal?

Estas perguntas formulámo-las nós, perante um caso concreto de que tivemos conhecimento ontem. Vítima de um acidente, faleceu em França um dos nossos emigrantes. Ao ter conhecimento do facto, os seus familiares imediatamente tomaram providências, para que o corpo do indesejado emigrante viesse para este país, para ser sepultado na terra que o viu nascer. No entanto, as autoridades francesas só permitem a traslação do corpo, desde que sejam pagas lá, em moeda francesa as respectivas despesas. E como esse emigrante não tem em França qualquer pes-

soa de família, isso só poderá concretizar-se se de Portugal puder ser transferida a quantia necessária.

Ora, os familiares correram já todos os bancos, incluindo o Banco de Portugal e os Serviços de Emigração, em todas as portas encontraram dificuldades e negativas. Está isto correcto? Só teremos consideração pelos emigrantes, enquanto braços de trabalho, para angariar divisas para os cofres nacionais, esquecendo-os, ignorando-os, desprezando-os, quando um infortúnio destes lhes bate à porta?

Para que servem as Embaixadas e os Consulados? Não deveria competir a estes chamar a si a responsabilidade, em casos semelhantes? Julgamos que sim. É possível que os familiares não tenham mesmo tomado essa iniciativa ainda, por falta de esclarecimento. De qualquer forma, aqui deixamos o reparo,

Aos familiares que ontem solicitaram a nossa intervenção no caso, deixamos também a sugestão do contacto com os serviços diplomáticos portugueses e franceses. E, em caso extremo, com a própria Presidência do Conselho. Um emigrante morto em França tem direito a repousar em terra portuguesa!

Ressonância da

A todos vós emigrantes, saudamos e formulamos um voto de que sejais mais ricos materialmente mas também mais homens e mais cristãos, nesse mundo tão urdido de dificuldades e embrenhado de problemas de toda a ordem. Ao pensar em vós e nos vossos filhos, «*Voz de Antas*» a vossa e nossa voz, gostaria de vos ver «*ser mais*: no plano profissional e social, no plano de saúde e de recreio, no plano da família e do alojamento, no plano da educação e da cultura, no plano da própria vida religiosa» (Populorum Progressio).

OS EMIGRANTES

Queixaram-se ao Presidente da República Portuguesa por serem «maltratados e explorados nas férias em Portugal». No próximo de *Voz de Antas*, transcrever-se-á a carta por eles enviada a Ramalho Eanes.

J A E O C A —

No palco (Salão re

*Se estou assim tão gordinho
Não é pelo muito comer
Pois sou mesmo um passarinho
A debicar e a beber.*

*E se janto, ceio e almoço
É porque menos não posso*

*Se a minha figura engorda
Não é pela muita comida
Só como um prato de assado
E um bife logo em seguida.*

*Pão com manteiga, bom chá
E o almoço pronto está*

*Um pouco antes de almoçar
Dois ovinhos estrelados
Belo vinho a acompanhar
E três pasteis desfolhados.*

*E se a mãezinha está meiga
Ainda vai pão com manteiga.*

“VOZ DE ANTAS”

O SEU JORNAL

“VOZ DE ANTAS”

emigrante!...

ância da nossa voz

Contai, dentro de dias, com a presença amiga, do vosso grande amigo, o pároco para convosco, na Igreja de Belleville e Orleans, REZAR e OFERECER em Ofertório solene algumas gotas de suor e... generosidade se assim achardes por bem para a Obra da Igreja da vossa terra natal, cada vez mais linda e mais acolhedora, fruto do suor dos vossos pais e irmãos e do vosso apoio generoso e altruístico. Rezar e oferecer... Sim, mas também para PARTILHAR e CONVIVER, as castanhas e o vinho, em dia de S. Martinho... as anedotas, a música e a dança... Assim a vida comunitária ajudarnos-á a viver mais e, em menos tempo!

E a terminar, deixamos uma palavra — CORAGEM e bons êxitos pela vida fora.

P. S. Caso algum emigrante não possa tomar parte no Ofertório Solene (Belleville e Orleans) e queira dar o seu contributo para a Obra da Igreja, dando deste modo resposta à carta circular enviada

pela Comissão Fabriqueira, poderá fazê-lo através das Comissões Correspondentes do jornal «Voz de Antas», aí, em França; passamos a citar algumas:

a) Rolo Serafim
6 Rue du 11 Novembre
69220, Belleville S/S
France

b) Da Costa António
2 Square Lamartine
69220, Belleville S/S
France

c) Laranjeira Manuel Joaquim
32 Rue de Fg. St. Vincent
45000 Orleans
France

d) Fernandes Lopes Manuel
24 Place Jean Jaures
77140 Nemours
France

e) Sampaio Albino
Chateau de la Brosse
Neuvy en Sullias
45510 Tigy
France

f) Isabelle/Lúcia Sampaio
9 Rue Farbour Berry
45150 Jargeau
France

g) António da Cruz Viana
26 de la Liberation
91130 Rio Orangis
France

“VOZ DE ANTAS”

EM TODA A PARTE

C A — Sector teatral

Salão recreativo) ouvimos: COMILÃO

*Ao jantar fico servido
Com um prato de sopa cheio
Bom guisado e mais cozido
E um frango se tem recheio.*

*Mas... para não dar mais maçada
Como então vitela assada*

*Se há caldeirada ou puré
Ainda vai um bocadinho
Uma chicara de café
E de genebra um golinho.*

*Claro, não falo nos frutos
Nem nos fumos dos charutos*

*Aqui está sr. Bento
Já vistes o que ele come
Só debica e não tem fome
Mas contudo está gordinho.*

*Como isto bem a ser
Ninguém me pode entender.*

*... está meiga
com manteiga.*

DE ANTAS,,

De tudo um pouco

Alguns conselhos práticos:

a) Para evitar que as camisas brancas se sujem rapidamente, passe um pouco de talco nos colarinhos e punhos antes de as vestir. O talco absorve a transpiração e conserva as camisas limpas, por mais tempo.

b) Se quiser que as frutas fiquem bem brilhantes, esfregue-as com um pano embebido em azeite de boa qualidade. Depois limpe com um pano enxuto: este tratamento fará com que durem mais tempo.

c) Um pouco de leite açucarado e bem quente produzirá excelentes resultados nos casos de insónia, além de ser muito útil para a saúde.

d) Pode evitar que a gordura queime durante as frituras, colocando na frigideira uma cenoura pequena. Esta tirará qualquer cheiro de queimadura.

Conhece estas mulheres?

Fala-se tanto da emancipação de Mulheres, realizam-se tantas reuniões, escreve-se tanto, etc., para se conseguir tal fim, mas cada uma de nós conseguiu-lo-á se souber aproveitar a sua inteligência e a qualidade de ser mulher. Eis algumas que ficaram célebres porque foram as primeiras em alguma coisa:

A primeira vítima da ambição de voar foi Madame Blancharde. Morreu em Paris, em 1819. O balão em que voava caiu sobre um telhado.

Ainda no campo da aviação, outras mulheres deram que falar.

Adriana Bolhand, aviadora francesa, foi a primeira que, em 1921, sobrevoou sôzinha a cordilheira dos Andes, num «raid» que a levou do Atlântico ao Pacífico.

Em 1928 a primeira mulher que atravessou o Atlântico de avião, da Terra Nova à Inglaterra foi Amélia Galhardt.

A aviadora Lena Bernstein alcançou, em 1929, o primeiro recorde de distância, percorrendo 12.268 km.

Madame Cayat de Castrelas foi a primeira mulher a atirar-se de pára-quadras de um avião em perigo.

Madame Curie, casada com Pierre Curie, trabalhou com o marido na descoberta do rádio, e foi a primeira mulher a receber o Prémio Nobel, de Física, em 1903, e de Química em 1911.

A primeira mulher a exercer a medicina foi uma alemã, Matilde Teys, e a primeira advogada, uma francesa, Madame Petit, inscrita na Ordem dos Advogados de Paris, em 1900.

A primeira jornalista feminina, Olimpia Gourdes, francesa, teve um destino trágico: foi guilhotinada em Paris, em 1793.

Meio século depois, apareceu a primeira fundadora de um jornal feminino «A Voz das Mulheres»: Eugénia Vilorjet, que teve melhor sorte.

Madame Jane Dieulafoi foi a primeira exploradora. Visitou a Mesopotâmia com o marido, explorador-arqueólogo, do qual foi a principal colaboradora. Cheia de coragem e dinamismo, serviu como auxiliar feminina de Exército, na guerra de 1870.

No campo dos desportos, merecem ser citadas: Gertrude Ederlé, a primeira nadadora que atravessou a Mancha, em 1926.

Suzana Lenglen, a primeira campeã de ténis que conquistou o título mundial, em 1914.

Helena Dutrieu que foi, em 1855, a primeira campeã do mundo de ciclismo em pista.

Nicole Eenniger, a primeira a vencer o Alpamayo, um dos cumes da cordilheira dos Andes, em 1951.

Genoveva da Colmon, a primeira a descer o Colorado, em 1933.

No campo político: Alexandra Kolontai, russa, foi a primeira embaixatriz; representou os soviéticos no México, em 1926.

E Miss Perquins, americana, foi a primeira mulher membro do Governo — Ministro do Trabalho — em 1931.

A Baronesa Berta de Suttner, foi a primeira a receber o Prémio Nobel da Paz.

ANEDOTA

Numa terra do Alentejo, estavam a fazer um aeroporto. Um Alentejano chegou-se ao pé do guarda da obra e perguntou-lhe:

— Para que é este campo aqui?...

— É para aviões — respondeu o guarda.

— Os homens estão parvos! Isto nunca deu milho, como é que há-de dar aviões?...

Memórias da nossa terra

II — UMA «VISITA» A NOSSA PARÓQUIA EM 1795

O «Livro Capitular das Visitas» de S. Paio de Antas é um manuscrito difícil de ler; começado em 1765 e escrito com a linguagem e as abreviaturas em uso naquele tempo, nem sempre favorecido pela caligrafia de quem o ia escrevendo, truncado aqui e ali, a sua leitura é um pouco arriscada; mas vale a pena correr o risco, tão interessantes pinceladas descobrimos ao longo das suas páginas, sobre a vida e os costumes, as virtudes e os pecados do povo de S. Paio de há uns duzentos anos para cá. Os «visitado-

res» que em nome do Arcebispo de Braga, periodicamente visitavam a paróquia, ali escreviam as suas impressões, os seus reparos e as suas reprimendas. Quase a título de amostra, reproduzimos hoje nestas «Memórias», a acta da visita feita em 1795 pelo P. Manuel Gomes Rodrigues, que consta das folhas 28, 29 e 30 do citado livro. Para mais fácil leitura, o texto é reproduzido com a ortografia actualizada e as abreviaturas desdobradas.

«O R. P. Manuel Gomes

Rodrigues, abade em S. Miguel do convento de Gondufo, visitador das igrejas do Arcebispo de Neiva, pelo Ex.mo e Rev.mo Sr. Frei Caetano Brandão, Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas,

«Faço saber que no dia vinte e três de Junho do ano de mil setecentos e noventa e cinco, visitei pessoalmente a igreja matriz de S. Paio de Antas, em presença do R. P. José Dias de Carvalho, vigário dela, clero e povo, fiz a procissão dos defuntos, visitei o sacrário do Santíssimo Sacramento, Pia Baptismal, Santos Óleos e tudo o mais pertencente ao divino culto e provendo no espiritual e no temporal, ordenei o seguinte:

— O Rev. Pároco cumpra e faça cumprir os capítulos das visitas passadas que não estiverem revogados, nem por mim o forem, como também as Constituições, Decretos e Pastorais deste Arcebispado Primaz.

— A imagem do Santo Padreiro está indecente por se achar com um buraco considerável na testa, uma mão carcomida e outras indecências; como também o crucifixo do Altar-Mor e a Pedra de Ara, sem relíquias e sem caixilhos, pelo que mando se faça uma imagem nova do Santo Padreiro e um Crucifixo para o altar e se ponha uma pedra de ara das da Fábrica da Santa Sé, à custa de quem recebe os frutos desta igreja, a quem o R. Pároco dará nota com brevidade, e não cumprindo isto e o mais

(Conclui na 9.ª pag.)

Conto

(Continuação da 4.ª pag.)

suspirar pela escola, como pela festa de Santa Tecla. O assunto tomou foros de nacional e sempre que o nome do sr. professor vinha à baila, ainda que fosse na hora de estender o estreme nas veigas, todo o locutor tirava o chapéu, como se se tratasse de coisa de respeito. Enfim, os da vila vieram ao rego e disseram que sim, que iriam pensar nisso. E a aldeia esteve a pique de fazer uma manifestação à vila inteira, que no fim de contas, a vila não lhes queria só a décima. O seu a seu dono. Não é tanto como se diz. E Guilheta quase se arrependia das palavras mal pensadas com que vestira os da vila, no tempo das décimas.

Mas eles aí estavam, com o senhor professor à frente, como se fosse o guia de uma procissão, na examina do local. Não fosse dia de trabalho e tempo de rega nos terrenos do cedo, e estaria aí meio mundo. Assim só a pequenada aos enxames e o mulherio. Babadinhos de interesse, encostados às beiras, para não embaraçar a inspecção dos da vila.

— Só o rio é que destoa. E era pena que no resto estava certo.

— Qual destoava, qual carapuça! Encontrassem outro terreno como aquele em todo o concelho e trouxessem-lho ali para ele ver. Depois sim, daria a mão à rabiça — era o tio Mereces que não fora prevenido com a antecedência que a sua posição exigia, e aí viera ele, trepando congostas, arrastando as carnes que nem um carreto de milho, varrendo caminhos e atalhos, não se desse a fatalidade dos da vila acabarem o serviço sem saberem quem oferecera o terreno.

Foi ali que a escola nova começou, depois de um Março depenado e frio. Ali, pegada ao rio. À esquerda, pinhais, sombra, saúde. Estrada à mão de semear. E em frente a relva, a tentar para a recreação. Só o rio... Mas o professor sabia o que havia de fazer do rio. Passeios, história e o mais que se havia de ver.

Aos domingos, à volta da missa, ninguém faltava ali. Que o desvio não era grande e o vagar abundava.

— Vês esta pedra? Veio de tal ponto; esta de tal...

E o professor todos os domingos repetia a lição. Aqui há-de ser o gabinete do professor ali a sala de aulas, com uma, duas... vinte carteiras, o quadro além... O crucifixo ao centro, por sobre o quadro.

Ninguém tinha dúvidas que aquele era o sítio ideal para a escola nova e escola nova, como aquela, percorressem Portugal da serra ao mar, que a não encontrariam.

As obras é que não andavam. Para ali estavam pasmadas, que não havia direito. Outubro dissera-lhes boas noites, estava aí o ano novo e aquilo nem atava nem desatava.

— Pedreiros de Vila Chã! Bó, Onde eles foram procurar. Tivessem encomendado o serviço ao Portas e veriam o palanque armado em dois tempos.

Os meses lá se foram revezando uns aos outros

(Continua na 10.ª pag.)

Cruzada Nacional de Oração

e REPARAÇÃO

A fim de melhor comemorar-mos os 60 anos das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, e responder ao pedido d'Ela para que rezássemos e rezássemos muito, deliberou o Santuário de Fátima promover, a nível Nacional uma Cruzada intensa e urgente de oração e reparação, de 1 de Outubro a 8 de Dezembro.

É desejo do Santuário que a partir de Outubro — mês do Rosário se prepare a velada nocturna de 8 de Dezembro, festa da Imaculada Conceição — Rainha de Portugal.

Todos nós estamos conscientes que Portugal está sofrendo:

Na Igreja, onde aqui e além surgem opiniões aventureiras e caprichos em matéria de fé, moral e até liturgia causando no bom povo de Deus, dúvidas, incertezas e até o afastamento de alguns. Muitos dos nossos leigos já se interrogam: onde está a verdade?

Precisamos duma Igreja renovada à luz do Concílio Vaticano II. Porém não se pode esquecer por melhores que sejam os métodos e planos apostólicos, que nada se conseguirá sem oração. Foi assim que Cristo fez.

No jornal «Voz de Fátima» de Setembro do ano em curso o Senhor Dr. Luciano Paulo Guerra, Reitor do Santuário de Fátima, disse: «Entre as raízes da Igreja, a grande raiz é a ORAÇÃO. Só a oração será raiz que vai ao fundo, que vai à frente, que vai à vida. Ora nós temos que reconhecer — os que pretendem conservar a Igreja e os que a pretendem reformar (pois não conseguimos admitir que sejam católicos os que a querem matar). — Temos de reconhecer a nossa tentação de fazermos dos homens, da natureza, da vida temporal, a nossa fonte, e prescindirmos de ir mais além ao fundo — fundo, Aquela de quem pro-

vém o nascer, o renascer e o crescer O que nos falta é a oração».

Estas palavras vem-nos confirmar que um dos males do nosso tempo é a crise de oração. Sem prescindirmos duma Igreja — ACÇÃO, não podemos esquecer a Igreja — ORAÇÃO.

Portugal está sofrendo numa sociedade onde aumentam dia a dia os confrontos ideológicos e uma crescente ameaça de confronto armado.

A falta de confiança no que será o dia de amanhã provoca nas pessoas uma dolorosa inquietação. Por toda a parte notamos uma certa insegurança em muitos sectores da vida portuguesa.

Os homens conscientes, ou inconscientes esqueceram que sem Deus nada se consegue. E assim Nossa Senhora nos alertou deste perigo em 1917.

Tenhamos a coragem de reconhecer como o humilde publicano do Evangelho: «Tem compaixão de nós Senhor que somos pecadores! Pecámos — errámos. Resta-nos confiar na misericórdia do Senhor.

Mas não basta confiar. Façamos o que Nossa Senhora nos pediu:

a) Rezemos o nosso terço ou rosário, todos os dias, se possível em Família.

(Conclui na 9.ª pag.)

Ponte "fatídica"

provoca grave acidente

Cerca das 3 horas da tarde do dia 19 de Setembro ao pontilhão na Estrada Nacional 13 — Viana-Porto ocorreu um violento e espectacular desastre de viação.

O camião com a matrícula IT-98-62 de Vouzela, que seguia no sentido — Viana-Porto, por causas quanto a nós desconhecidas foi embater no referido pontilhão. Destruiu assim mais uma parte do pouco que já restava. Como consequência o camião caiu para baixo do ribeiro, tendo ficado praticamente destruído. O ajudante do motorista foi cuspidado e faleceu pouco depois. O condutor teve uns ligeiros ferimentos.

Restam agora no pontilhão duas ou três pedras. É um espectáculo desolador e perigoso para os automobilistas. É um caso vergonhoso que pomos à consideração da J. A. E. do distrito de Braga e demais autoridades responsáveis que teimam desde há bastantes meses em não quere-mos arranjar não só o pontilhão como outras obras necessárias.

Aqui fica o aviso e esperamos ser ouvidos o mais rápido possível.

A capela de Nossa Senhora dos Remédios

Consultando os arquivos da paróquia, encontramos um documento que diz: «A capela de Nossa Senhora dos Remédios, erecta ao norte do monte da Cidade, no sítio denominado Bouça dos Engenheiros, freguesia de S. Paio de Antas, concelho de Esposende e Arcebispado de Braga, sítio antigamente ermo e feio, mas que actualmente é agradável, por ser rodeado de casas e a que se dá o título de lugar do Nevoeiro; defronta com a estrada que liga Esposende a Viana do Castelo, e pertencem, desde muitos anos, a uma família da Gandra, ou S. Romão do Neiva, que a vendeu ao Rev. Padre António Martins Ledo em 1897.

Na ocasião da festividade da padroeira naquele ano (3.º domingo de Setembro), ao sair a procissão, a imagem (que era de louça) sofreu um desastre, ficando feita em pedaços. Presenciando este acontecimento o filho desta terra Manuel José Alves de

Azevedo, residente no Porto e acidentalmente com sua família nesta freguesia, prometeu que, a expensas suas, mandaria esculpir uma nova imagem de madeira. Encarregou esse serviço ao escultor Oliveira, do Porto, que a entregou no fim do mesmo ano. Posteriormente mandou benzer e indulgenciar a mesma imagem pelo Bispo do Porto, Cardeal D. Américo, com o que consta da Provisão.

A filha do Oferente, Maria da Conceição, ofereceu à mesma imagem um manto de setim que bordou o ouro, e Maria da Glória Teixeira as pratas que a adornam.

A capela e o adro foram mandados reparar pelo seu novo possuidor, dotando-a com um cruzeiro de pedra, que fez mover do adro da igreja paroquial e colocado em terreno cedido gratuitamente por Manuel Louro, da referida freguesia».

(Continua no próximo número)

Memórias da nossa terra

(Conclusão da 8.ª pág.)

capitulado nas visitas passadas, no termo de dois meses, dará o R. Pároco logo conta a S. Excelência, com o teor das Capitulações, pena de suspensão «ipso facto», para se proceder com sequestro que lhe é comisso.

— A manga da Cruz da freguesia acha-se rota e indecente; pelo que o juiz à custa da freguesia, mandará fazer uma nova ou uma vara prateada, para o que deve concorrer a confraria do Santíssimo que também dela se serve.

— Achei o Adro, centrado para a porta principal da Igreja, exposto a toda a devassidão, imundície dos animais por ser a entrada dos carros, bestas e mais serventias do R. Pároco pelo mesmo adro, entrada imediata à porta principal da Igreja causando à mesma a maior indecência e muitas vezes perturbando o silêncio que deve haver na Casa de Deus pela entrada de carros e outros operários, derrubando também a parede do mesmo adro com os carros de lenhas; servindo de uma espécie de cemitério um pequeno terreno jun-

CRUZADA NACIONAL

(Conclusão da 8.ª pág.)

- Participemos nas manifestações públicas de oração e reparação organizadas, aqui e além em Portugal. Participemos sempre que possível na Eucaristia, de semana.
- Aceitemos com fortaleza a cruz do cumprimento do nosso dever.
- Façamos de cada coisa que surgir na nossa vida — cruz para assim completarmos a Paixão do Senhor.

Lembramos às Comunidades Religiosas o pedido que lhes fizemos de promover tempos de Adoração e Reparação. Confiamos muito na dedicação dos nossos sacerdotes — responsáveis pelo povo de Deus.

Apelamos para todos os portugueses, do Minho ao Algarve.

Não pretendemos fazer política. Desejamos sim é reconhecer a nossa incapacidade de solucionarmos os graves problemas que se nos depa-ram e recorreremos ao Deus Altíssimo, por intermédio de Nossa Senhora — Mãe de todos os homens.

Precisamos dum Portugal cristão, onde todos se sintam irmãos.

Um Portugal onde todos tenham um cantinho e o necessário para cada dia.

Um Portugal de heróis e Santos. Agradecemos a todos quantos nos queiram ajudar na vivência e difusão desta Cruzada, dum modo particular aos meios de comunicação social.

Fátima, 19-9-1977.

P.e Manuel de Sousa Antunes

to ao mesmo adro da parte do sul, que por causa da dita devassidão do adro também algumas vezes se devassou aos animais imundos; e como pelo dito terreno se pode fazer entrada para a serventia do R. Pároco, segurando-se e acautelando-se com um fojo o adro, que assim pode melhor servir para nele se enterrarem os cadáveres que não couberem na igreja e mais funções paroquiais e devotas; por isso o R. Pároco no termo de um mês dará conta a S. Excelência, com a cópia deste capítulo para se efectuar esta mudança, ficando profanado o adro ou cemitério distinto de que o R. Pároco se poderá utilizar com licença: ficando os fregueses obrigados a segurarem o adro e fazerem um fojo no termo de três meses depois da determinação de S. Excelência, se achar justo, o que cumprirá o juiz da freguesia debaixo da pena de dois mil reis.

— Visitando a capela de Nossa Senhora da Purificação, achei-a inclusa num campo semeado de milho já crescido, sem vestígios de caminho para ela e sem entrada pública, que os lavradores lhe confundiram e taparam seguindo os ímpetos da ambição, e esquecendo-se da veneration e respeito à Casa do Senhor, pelo que o R. Pároco, juiz e eleitos com a freguesia, farão patentear o caminho e entrada para a dita capela no termo de um mês, e caso haja nisto repugnância dará o R. Pároco logo conta a S. Excelência.

E o Juiz da freguesia mandará à custa da freguesia ornar a dita capela de todo o necessário para nela se poder celebrar o sacrifício da Missa que se acha sem coisa alguma, sendo capela pública da freguesia e necessária algumas vezes para nela se administrarem os sacramentos.

O Administrador da capela de Nossa Senhora dos Remédios mandará pôr na mesma capela uma vestimenta de damasco branca aparelhada, por se achar a que tem rotíssima e incapacíssima, uma pedra de ar, duas toalhas para o altar e um crucifixo, de que tudo necessita, isto no termo de dois meses, pena de mil reis e sequestro.

— O Administrador da Capela de S. Cristovão mandará pintar o oratório do mesmo Santo e retábulo e ornar a mesma capela de tudo o necessário de que necessita (Sic.) para o Sacrifício, de que está totalmente destruída, isto no termo de três meses, debaixo da pena de seis mil reis e de sequestro, pelo que o R. Pároco logo dará conta à casa do Despacho.

— O tesoureiro da Capela de Santa Tecla mandará retelhar de cal e areia a dita capela e fazer uma pala e meia duzia de sanguinhos e uns corporais,

— Pela informação que me

deram de que muitas pessoas esquecidas da grave obrigação de saber entender as Santas Doutrinas se deixam ficar por fora da Igreja ou Capelas ao mesmo tempo que se fazem as ditas doutrinas, pelo que o R. Pároco condenará os delinquentes sem remissão na forma que já foi ordenado e não consinta que o fogo que nas festividades se costuma deitar, se vá elevar a outros sítios distantes dos templos, para evitar inconvenientes de que fui informado.

Leia e publique
Manoel Gomez Ro.ez.

NOTA

Comecei já a recolher elementos para fazer o levantamento da história das capelas de S. Paio que ainda existem ou já desapareceram, como é o caso da Senhora da Purificação de que fala o texto e de que ainda existem alguns vestígios nos campos do «Sovalo», próximo da Agra de Azevedo. Espero, se Deus quiser, apresentar em breve o resultado desta recolha.

P. Adélio

CURIOSIDADES

O uso de uma determinada cor, quando se está de luto, é um preconceito comum a muitos povos. A cor, porém é que varia. Assim, na China é o branco, na África o vermelho, na Síria o azul, o roxo na Turquia e o amarelo no Egipto.

Existem cerca de 20.000 variedades de peixes.

Recebemos uma Circular informativa:

1. Dependente do Ministério dos Assuntos Sociais e no âmbito do Instituto da Família e Acção Social existe na cidade do Porto um Centro de Educação Especial cujos objectivos visam assegurar a educação e integração familiar e social de crianças e adolescentes com deficiências auditivas, visuais, intelectuais, motoras e outras, que exijam métodos especiais de acção.

2. Como serviço do Centro de Educação Especial existe o Gabinete de Intervenção e Admissão, organismo centralizador de todos os pedidos de atendimento de deficientes a serem admitidos nos estabelecimentos e serviços do Centro de Educação Especial.

Pelo exposto solicitam:
a) informação urgente dos casos já detectados.
b) informação contínua de todos os casos que forem aparecendo.

Clubes Agrícolas

Os Clubes 4H

IV-Finalidades a atingir pelos Clubes 4h

Os Clubes 4 H americanos, de acordo com os estatutos oficialmente aprovados, são entidades especializadas no preparo da juventude rural e, como tal, devem agir em comum com todas as instituições e iniciativas educacionais, que tenham relação com a formação moral e intelectual do individuo e com as suas qualidades de bom cidadão.

Agrupando a infância e a juventude nestes núcleos associativos, os clubes 4 H dão aos seus membros as primeiras noções de vida colectiva, com os seus deveres e responsabilidades; ao mesmo tempo, cumprindo as finalidades do seu programa, despertam o interesse pelos trabalhos lucrativos, inspirando entusiasmo pelas actividades de campo e, por conseguinte, amoldando tendencias que antes, por falta de orientação, se inclinavam para o meio e para as atracções das cidades, em torno de outras profissões julgadas, ilusoriamente, mais elevadas.

Tudo isto está consignado no PROGRAMA DE UM CLUBE 4 H, o qual visa os seguintes propósitos:

1.º — Ajudar a juventude rural a desenvolver as suas ideias, noções e experiências em torno da agricul-

tura e criação em todos os seus ramos, da constituição doméstica, da vida individual e colectiva e incutir-lhes o senso da responsabilidade perante os seus deveres e obrigações;

2.º — Proporcionar à juventude rural instruções técnicas sobre as actividades agrícolas e domésticas, tornando-a perfeitamente conhecedora do assunto, de modo a poder exercer aquelas actividades com eficiência e com ambição de lucro;

3.º — Oferecer aos jovens a oportunidade de «aprender, fazendo», tornando-os responsáveis por determinados trabalhos no campo ou no lar e obrigando-os depois a demonstrar aos outros o que fizeram e aprenderam;

4.º — Divulgar, entre os jovens, o valor dos estudos e pesquisas, nelas desenvolvendo uma intuição de fundo científico em relação aos problemas do campo e do lar;

5.º — Orientar a juventude rural em questões de cooperativismo, de forma a permitir-lhe inteiro conhecimento do assunto, a fim de mais tarde prestar assistência e resolver os problemas individuais e colectivos;

6.º — Propagar, entre a juventude rural, hábitos sadios de vida, instruindo-a e orientando-a sobre o aproveitamento útil de horas vagas, férias, etc., sobretudo inspirando-lhes ambições dignas e o amor ao trabalho e aos estudos, como condição fundamental para uma vida feliz, mais longa e melhor.

7.º — Ensinar e demonstrar à juventude rural os métodos mais indicados para tirar das práticas agrícolas e domésticas o melhor resultado possível como fonte de renda e como factor essencial para a melhoria do padrão de vida e maior satisfação dos que vivem e trabalham nos meios rurais.

(Continua no próximo número)

GAZETILHA DESPORTIVA

I Torneio de Futebol organizado pela JAEOCA.

(1.ª volta):

JAEOCA (grupo A), 1 — G. D. O. Ofir, 1

JAEOCA (grupo A), 1 — JAEOCA (grupo B), 1

G. D. S. Romão, 0 — G. D. O. Ofir, 2

G. D. S. Romão, 3 — JAEOCA (grupo A), 5

JAEOCA (grupo B), 1 — G. D. O. Ofir, 5

Marcadores:

JAEOCA (grupo A)

Vieira, 6 e Tone Meira, 1

JAEOCA (grupo B)

Cunha, 1 e Pires, 1

Os responsáveis pelo Sector de Educação Física e Desporto, Cândido Laranjeira e Isolino.

Conto

(Continuação da 8.ª pág.)

como as tropas no serviço e a escola chegou a perder a graça. Mrs tudo voltou ao antigo, quando, o Justino do Fagundes que fora à vila buscar uma pomada para a sarna da miúda, surgiu das bandas do monte, com os braços erguidos como se viesse a anunciar à aldeia o juízo final:

— A escola ia ser inaugurada e vinha aí um outro professor de fora.

A aldeia sucumbiu,

— Um outro quê? Mas havia outro professor no mundo?

E o tio Mereces preparava-se já para tirar o casaco para o que desse e viesse.

— Havia uma..., é o que havia.

Em Guilheta havia um professor e estava tudo dito.

Se os da vila queriam a escola para o professor deles que levassem a escola, que a metessem no..., mas que lhe deixassem o sítio que o terreno era dele. Era dele e não cedia nem a ponta dum...

Foi o dia de juízo aquele dia nas terras dormentes de Guilheta. Estava boa; um professor de fora ali...! Estonavam-no que nem uma vara de salgueiro.

O Padre João recomendava calma. Que não senhor, que não tocassem o sino. As coisas não se resolviam assim a rebate e a martelo. Era preciso esperar por pormenores, razões, motivos. Moderação, sobretudo moderação era o que era preciso. E o padre andava de grupo em grupo, como quem anda a semear milho, moderação para a direita, moderação para a esquerda. Além de que, acrescentava o P. João, nem sempre é verdadeiro o que diz o pandeiro.

Pouco e pouco, por todo aquele mês de Agosto, os motivos e os pormenores foram chegando da vila. Para ser professor era preciso ter diploma e o sr. Professor não tinha diploma, é preciso ter estudos, fazer exames e o sr. Professor não tinha estudos nem exames.

— O sr. professor não tinha estudos, nem exames? Fossem dizer isso a outro. Então que andara ele a fazer quando novo por essas léguas de Cristo? Vigarices é o que era. Parassem junto do janelo do seu quinteiro e olhassem para dentro como quem não quer a coisa e haviam de ver se não havia ali livros, como espigas numa eira?

Foi no Outono que a escola nova começou. Houve reboliço Houve. Mas bastaram dois guardas para pôr tudo em pantanas. Guilheta era uma terra de valentes, mas com a guarda não se metia. Quando, nas tabernas, se ouvia dizer que andava em tal freguesia, o cabo d'ordens, todos ficavam em silêncio, como se fosse a peste aí. Foi por isso que emudeceu, quando ao lado do professor novo, viu dois cabos de ordens. Um arrepio pela espinha e tudo ficou gelado. E quando os guardas sem dizerem água vai, deram para ali a malhar como quem espanta um bando de cabras, ficou o largo varrido em dois tempos.

— Professor aquilo? Aquele pastel? Com umas pernas atarracadas que nem um saco de farinha?

E aquela casaqueta às pintinhas? Bôh!

E a aldeia respirou, quase aliviada. Professor, havia um no mundo. Pernas altas como a torre da igreja, cabeça lá nas alturas que nem uma amazona nas festas da Agonia.

E quando se constou que ele dissera na botica do Moreira, que viera para ali, não por querer, que bem sabia que homem como o sr. Afonso não havia outro no concelho, e que foi o governo que o intimou a vir sob pena de o plantar nas costas da África como um excomungado, Guilheta sentiu remorsos e teve pena dele.

E tudo se resignou, que andava o inverno nas ruas e Guilheta recolhia-se à lareira.

Depois foi a primavera e os campos pediam trabalho. Todos os sábados, aí pelas duas o professor novo descia pela estrada, com a bicicleta às tiras vermelhas, sem desejar as boas horas. E que desejasse. Ninguém lhe daria o troco.

— Mas onde irá aquela criatura, todos os sábados àquela hora?

E sabê-lo? Diziam que tinha namorada em Vila Chã. Sim, um homem daqueles só para isso. Quem tirava proveito eram os miúdos que enquanto, ele andava por resses derrigos, era romaria na escola. Que se arranjassem! Mais sarilhos com os cabos

(Conclui na 12.ª pág.)

Soubemos e registamos

(Continuação da 12.ª pág.)

processo legal de saneamento...

Admirem a originalidade da descoberta revolucionária. Só se pode ser justo, em Portugal, mantendo a injustiça. Deve ser esta a melhor maneira de respeitar os DIREITOS HUMANOS!...

Dizem-nos que a filha de Vasco Gonçalves comprou uma vivenda luxuosa na Suíça.

Só gostávamos de saber como o conseguiu fazer com 7.500\$00. Se só é permitida a transferência de 7.500\$00, nas saídas ao estrangeiro... uma vez por ano!...

E nós a pensarmos que só os «fascistas» e os «burgueses» é que apreciavam vivendas luxuosas! Que só esses bastardos é que subtraíam divisas ao país!

Mário Soares afirmou em Coimbra. «Temos dinheiro e condições para transformar esta terra».

Porque tarda tanto essa transformação?

A R. D. P. continua imparcialmente a intoxicar o povo português.

Desta vez sai em defesa da Frelim. Lamenta as «torpes calúnias» contra ela propaladas. O povo timorense estava com a Frelim na proporção de 90%. A carta do Bispo de Dili, para aí aparecida, não é de admitir...

Intoxicar é fácil. Provar difícil.

O único problema da descolonização que parece preocupar certos «progressistas» foi o facto de Timor não ter caído sob a influência moscovista.

Basta de hipocrisia, «kamaradas»!

E em Angola? Será 100% do povo angolano que está com o M. P. L. A.?

Talvez. Deve ser por isso que os cubanos lá continuam. Deve ser por isso que as armas russas aí continuam a matar. Deve ser por isso que o povo angolano continua à espera de eleições livres, previstas e garantidas no Acordo do Alvor...

Nisso porém não se fala. Seria prejudicar a Rússia! Eufemisticamente seria imiscuir-se nos assuntos internos de um país independente!

Na óptica da R. D. P. tudo está certo se se tratar de implantar «marxismo». Qualquer situação será sempre denunciada e lamentada, se os proventos da descolonização portuguesa não forem inteirinhos para a Rússia...

Que pena! Que imparcialidade! Pasmem! Peçam desculpa à Rússia, por ter de enfrentar, em Angola, a guerrilha que outrora incentivava...

Afirma-se que o Regime deposto em 25 de Abril de 1974 caiu de podre. O «Estado Novo» envelheceu muito novo.

E a 1.ª República! Terá caído por razões de saúde a mais? Não terá envelhecido com menos idade?!

«A questão da Facar não se resolve com gritos, mas com bom senso», afirmou Mário Soares.

Apoiamos. Lembramos porém que nos parece que nem só a questão da Facar exige bom senso, mas todos os problemas nacionais. Oxalá a terapêutica do bom senso comece a ter lugar neste país...

Atentados bombistas surgiram em série na zona da Reforma Agrária.

Muitas vezes se ergueram em protesto e lamentação.

Limitamo-nos a uma pergunta: Quem estaria mais interessado na destruição dos documentos que desapareceram?

Para justificar fracassos actuais e louvaminhar os «cravos» vimos citadas palavras de Marcelo Caetano, segundo as quais o tempo das vacas gordas estava terminado para dar lugar ao tempo das vacas magras.

Correcto. Apesar da memória dos homens ser curta, lembramo-nos que nos era dito que o progresso de Portugal seria espectacular, se fosse gasto no seu desenvolvimento o que estava a ser malbaratado na «guerra colonial». Era-nos dito que 45% do orçamento ia para a manutenção da guerra.

Calculada a hipocritamente se esquecia o manancial de riqueza que vinha do Ultramar... Joaquim Leiria anunciou pela T. V., ainda de Londres que as notas de 100\$00 valiam mais 45\$00!...

Entretanto o escudo continua a desvalorizar-se... o ouro a esvaír-se... a situação económica a deteriorar-se... e o anunciado progresso a tardar, apesar das «vacas gordas» anunciadas, não por Marcelo Caetano, mas pelos seus adversários...

«As máquinas e os veículos pesados que serviam nas Minas de Cassinga, em Angola, foram desmontados e transportados para Cuba», afirmou Holden Roberto.

Aválem como os cubanos estão empenhados no progresso de Angola e do seu povo!

Lamentam-se as lágrimas, as mortes, os sobressaltos, a angústia, a injustiça da «guerra colonial».

Propositadamente ou não esquecem-se as mortes, as depravações, as violências e violações, as extorsões e demais desgraças da descolonização.

Se fizer falta um bode expiatório aponta-se o «fascismo», sempre ele. As próprias desgraças da descolonização são obra do «fascismo». E com um encolher de ombros... se ilibam os «cravos»!

Para enleiar papalvos não está mal. Mas nem todos são papalvos!

Álvaro Cunhal afirmou na T. V. que o Partido Comunista Português não tinha que receber lições de Democracia do C. D. S. nem do P. S. D.

Pudera! Nem era preciso dizê-lo! Já todos sabemos que Álvaro Cunhal só está autorizado a receber lições da Rússia. Só a Rússia pode dar lições de Democracia — a Democracia do Partido Único, sustentada pela K. G. B. Também não desconhecemos que ninguém melhor do que a Rússia sabe aplicar a «medicina punitiva» para convencer os rebeldes e os dissidentes.

Vimos escrito que em 1973 foram gastos na Defesa Nacional, que sustentava a guerra em 3 frentes, 16.736.000 contos. No ano corrente estão

(Conclui na 11.ª pág.)

A palavra

aos

Emigrantes

(Conclusão da 1.ª pág.)

por haverem transferido a festa principal da paróquia para data propícia à presença da maioria de todos nós e proporcionado aos ausentes forçados ocasião de, através da Rádio Difusão Portuguesa ouvirem a Missa da festa e a voz amiga e autorizada do nosso dedicado Pároco.

Obrigado também ao Snr. Reitor por tudo isso e ainda pela amabilidade com que nos recebeu, pelo carinho com que a todos rodeou e pelo zelo posto na apreciação e possível resolução de problemas nossos, proporcionando-nos encontros e horas de franco convívio.

Todos desejamos que este espírito de união, sempre com o mesmo centro — Deus e próximo — vá alargando o seu raio de acção para que de mãos dadas, sejamos capazes de fazer «crescer» a nossa terra, quer sobre o ponto de vista moral quer mesmo material, para que, brevemente, ela possa agasalhar-nos a todos debaixo das suas asas maternas.

P'los Emigrantes,
Isabelle Sampaio

(Conclusão da 3.ª Pág.)

serviço de adorno e asseio dos altares, como o têm feito, até outras serem indigitadas pela Comissão Fabriqueira. Toda a despesa de flores, e de outros serviços oneráveis, deverá ser apresentada ao tesoureiro da mesma Comissão.

— Convívio

No dia 2 de Outubro p. p., no centro paroquial realizou-se um encontro-convívio entre catequistas de Antas e Forjães.

— Câmara Municipal

Concedeu um subsídio de 15.000\$00 para o recinto paroquial, que reconheceu ser um empreendimento a todos os títulos louvável. Fará a ligação subterrânea de cinco colunas de iluminação pública e consumo de energia, sendo as restantes do encargo da paróquia.

— Grupo Teatral de Anha 003

Levou à cena no centro paroquial, no dia 30 de Outubro p. p., um espectáculo que integrou as seguintes peças teatrais: «Criada de graça», «Aqui há gato», «Para tia». Incluiu um acto de variedades.

— Tragédia na Terra Nova

Uma explosão no barco «Vasco d'Orey» provocou vários mortos e alguns feridos, tendo a registar a perda total do bacalhoeiro. A tragédia consumou-se em 29 de Setembro p. p., quando se manifestou um incêndio seguido de forte explosão que viria a destruir completamente o «Vasco d'Orey». Alguns feridos eram naturais e residentes em Castelo do Neiva. A título de curiosidade, diremos que Vasco d'Orey, patrono do barco incendiado, foi com João Alves Cerqueira o grande impulsor dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.

— Festa de Aniversário da JAEOCA e Voz de Antas

No dia 4 de Dezembro p. f. começaram as festividades de aniversário do Movimento Associativo Apostolado da Juventude e do jornal «Voz de Antas». Será levado a palco, na tarde desse dia, um drama em 5 actos e 8 quadros «AS DUAS ORFãs» de Afonso Magalhães. Foi representado com imenso sucesso no teatro D. Maria, Príncipe Real, Rua dos Condes em Lisboa, no Brasil e Ilhas. A peça com lindos quadros e actualização de 21 personagens, está a ser ensaiada pelo responsável do Sector Teatral — Gonçalo Bacelar.

No dia 7, à noite, actuação do conjunto Oliveira Duarte, Manhente (Barcelos). No dia 8, missa solene, e tarde fes-

tiva com cantares ao desafio. A instalação sonora estará a cargo de Joaquim Morgado.

— Insólito

Desapareceram dois cães de caça ao Zé da Bina. Passados 8 dias, chega um a casa! Que alegria para o patrão... o outro presume-se tenha caído em algum labirinto numa velha serração junto ao Neiva.

— Apreensões

Foram apreendidos, em Mar e Belinho, algumas espingardas de pressão, por não estarem munidas da respectiva documentação. Por isso, as barbas de molho!...

— Do Mogadouro

Os aventureiros caçadores, arrastaram 2 lebres, várias perdizes e alguns coelhos e... um susto?!

Um feixe de notícias (de Belinho)

— No dia 14 de Agosto, no monte da Guia, realizou-se a festa a Nossa Senhora, Guia dos Emigrantes.

As cerimónias religiosas da tarde, foram orientadas por um sacerdote emigrante, P.e Luís (italiano). No final, realizou-se um Torneio de Tiro aos Pratos, cujas classificações foram as seguintes:

— O melhor atirador de Belinho «Delfim Faria».

— O melhor atirador concelhio «Manuel Ferreira da Cruz», de S. Paio de Antas, com 16 pratos. Obteve o 1.º prémio (taça — Manuel Gonçalves de Brito).

2.º José Joaquim Ferreira da Cruz, 13 pratos (taça — Maranhões).

3.º António Barros, 13 pratos (taça — da Organização do torneio).

4.º Delfim Faria, 11 pratos (taça — Emigrantes).

5.º Manuel Juca, 11 pratos (taça — Nélia).

6.º José Augusto Barros, 10 pratos (taça — Lázaro Martins).

7.º Cândido Ferreira da Cruz (medalha — Organização do Torneio).

8.º Silvestre Abreu da Silva (medalha — Organização do Torneio).

9.º Manuel Amaro (medalha — Organização do Torneio).

10.º José Lima de Almeida (medalha — Organização do Torneio).

O Acampamento C. N. E

Realizou-se no fim de semana 27 e 28 de Agosto p. p., um acampamento de Escuteiros promovido pelo Agrupamento do corpo Nacional de Escutas de Belinho.

Nele participaram os Agrupamentos de Marinhãs, Mar e Belinho.

No domingo estiveram pre-

Nos dias 30 e 31 de Julho realizaram-se as promessas do C. N. E. Fizem as promessas, 3 dirigentes, 3 caminheiros, 14 exploradores. Estiveram a festejar esta data conosco os Agrupamentos de Vila Cova com a fanfara, Belinho, Esposende e Mar — S. Bartolomeu.

Desde os dias 22 de Agosto a 1 de Setembro realizou-se o Acampamento de férias do Agrupamento. Fomos acampar em Carreço — Viana do Castelo — junto ao Farol de Montedor.

No dia 18 de Setembro, no fim de reunião de piedade, o grupo realizou um «raider» que teve como local de encontro o MINANTE. O grupo foi dividido em 3 sub-unidades à frente dos quais estavam Lúcia Neiva, Alberto B. Viana e António Emílio. As actividades terminaram ao meio-dia.

No dia 25 de Setembro o

grupo foi até S. Romão do Neiva para com o Agrupamento local festejar a Promessa de novos elementos e Guias de Portugal.

Reuniu no dia 26 de Setembro o Conselho de Agrupamento do C. N. E. com a presença de todos os elementos que tomou as seguintes decisões:

1) Que a reunião de piedade, na qual o C. N. E. — Escutismo Católico Português — se reúne à volta do altar, para partilhar o Pão Eucarístico, fosse realizada no dia 16 de Outubro às 7 horas.

2) Que no fim desta os exploradores prestassem provas de 2.ª e 3.ª classes num local a determinar pelo chefe de grupo em colaboração com o conselho de guias.

3) Que nos dias de festa natalícia 23, 24, 25 de Dezembro e 1 de Janeiro se realizasse uma exposição sobre Escutismo usando os seguintes temas:

— Escutismo na nossa paróquia.

— Escutismo em Geral.

A Exposição será feita com material fotográfico e manual. Será dedicado a todos aqueles que antes de nós contribuíram para a formação cristã, moral e física de juventude na nossa paróquia.

4) Que a Agrupamento adquirisse novas bandeiras — Nacional, Grupo e Alcateia — pois as actuais não se encontram em bom estado e estão desactualizadas.

5) Aprovar a sugestão dos Caminheiros que com dinheiro das suas cotas comprarão a bandeira do clã.

6) Tratar dos assuntos necessários para a filiação do Clã no C. N. E. — Escutismo Católico Português.

O Acampamento de raparigas e lobitos, previsto para se realizar nos dias 23, 24, 25 Setembro em Castelo do Neiva, não se pôde realizar devido ao mau tempo.

Sempre Alerta

Anuncie em

«VOZ DE ANTAS»

clientela aumentada e negócio assegurado...

Escreva, já! Telefonar para 87250/87130 «VOZ DE ANTAS», Secção de Anúncios

Soubemos e registamos

(Conclusão da 10.ª pág.) a caminho de ser gastos 19.742.000 contos...

E diziam-nos que era o dinheiro da «guerra colonial» que faria progredir Portugal!... Pelos vistos não falta progresso nos gastos militares...

Um tractorista foi despedido por ter falado com o ex-patrão, lá para os lados do Alentejo, feudo do P. C.

Que maravilhosa lição de Democracia!

Dirigentes de UCPs no Alentejo declararam: «Logo que a G. N. R. volte costas voltamos a ocupar as herdades».

Vamos portanto assistir ao jogo do gato e do rato!

Soubemos que:

A Junta da freguesia, foi informada de fonte oficial que o caminho vitalício da Igreja, Monte e Pereira, tem prioridade no orçamento da Câmara para as obras do ano de 1978, ao contrário do que alguns jornais levianamente publicaram.

A Direcção da Bovina tem em cobrança mais um rateio de 2\$50, por cada mil para pagar ao sr. Manuel Gonçalves Neiva, uma toura de 20.000\$00e a Manuel Gonçalves Cardante, uma cria morta por 2.250\$00.

INSTANTÂNEO

QUAL O FUTURO?

No restante ao campo de futebol Corrêa d'Oliveira, caberá decidir ao povo — quem mais ordena — que depositou o seu mandato na Junta de Freguesia.

Haverá algum maniaco da intelectualidade lareira que se arbore em dono? Em administrador da propriedade alheia?

Não! Não oh! cá num é o Alentejo...

O amigo do povo

O P. C. vai continuar a lutar pelos meios legais(?) para impor a sua vontade soberana.

Final quem governa este pobre Portugal?

Garantem-nos que há fome em Angola. Todavia o navio «Cunene» carregou no Norte da Europa 150 automóveis «Mercedes» de luxo...

Cessou a opressão colonialista portuguesa...

Será mais feliz o bom povo angolano?!

Será o povo simples a utilizar esses luxuosos «Mercedes»?

Inquiritos e mais inquiritos tem sido levados a efeito, depois de 25 de Abril de 1974.

Resultados práticos? Eternizar a dúvida de quem desejava saber verdades nuas e cruas.

Será verdade que a Rússia está disposta a bater-se, em Angola, até à morte do último soldado cubano?

Cada vez admiramos mais os rasgos de coragem e solidariedade dos «kamaradas» de Moscovo... Admirem! Que dedicação!

REPÓRTER BANAL

CONTO

Era um sábado da parte de tarde

(Conclusão da 10.ª pág.)

é que Guilheta não queria. Aliás o povo fazia as devidas distinções — sr. Professor, sem mais, era o deles; professor novo (tinham de lhe chamar professor que remédio) era aquele saco de farinha.

O professor velho é que não. Não aparecia. Não andava neste mundo que pôr-lhe o olho em cima era uma graça de Deus. Só às vezes é que o distinguiam a coser-se com os pinheiros, lá para as bandas da escola. E já mais de um miúdo o vira, a espreitar ao fundo da sala, com a cara muito calada, à janela. Até encostado à porta.

— Meninos, que há?

— Está lá fora o sr. professor.

Qual estava! Nem rastos dele se viam.

— Era ele, eu vi-o.

Foi por uma dessas tardes de sábado em que às duas, o professor novo partira pela estrada de Vila Chã, (fiquem em silêncio; que eu não demoro, o Joaquim que tome conta dos que falam) que o Ramiro, simulando vir «cá fora», enfiou direitinho ao rio. O Zé Pedro e o Vieira já lá estavam, em pelote, a fazer ginástica, que haviam saído antes com a mesma fita.

— Está quentinho, pá. Atira-te. O rio era todo uma tentação. Foi daí a nado que o Vieira começou a gritar. O Ramiro tinha os olhos brancos, esbracejava. A escola despejou-se ali, desnordeada. Todos a berrar, a gesticular. E foi então que, saindo do meio dos pinheiros, viram um vulto a avançar alto e desengonçado.

— O sr. professor!!!

E todos tiraram a boina em silêncio. Atirou-se à água; veio à tona, uma, duas, três vezes e do Ramiro nada.

Até que às tantas sim, o Ramiro apareceu. O Ramiro e um braço de um corpo que se já não viu. Os outros estavam perto.

— Levai-o para fora.

— Chamai gente para salvar o sr. Professor. Veio gente. Homens com enxadas, cordas, engaos. Era o dia do juízo para conter a miudagem na beira do rio.

— Alto!

Era ele. Estava encontrado. Olhos fora das órbitas. Afogado.

Enquanto os cabos da ordem não vinham, a miudagem não consentiu que ele ficasse ali à beira do rio, como trapo despojado pela maré.

Levaram-no para a escola, como se o fossem entronizar na sua casa. Na cara desfigurada do velho professor, aquele sorriso, que fazia brotar as lágrimas dos olhos das crianças, sem saberem se haviam de romper ou não.

Era um sábado, da parte de tarde.

Soubemos e registamos

O insólito aconteceu na paróquia da Aveleda-Braga. «Valentões incógnitos» escreveram a tinta esmalte encarnada, no frontal do altar-mor e no soalho: «Não queremos cá tralhas nem cobardes nem manhosos nem fascistas. Preferimos a igreja fechada».

Há de facto muita gente interessada em ver as igrejas fechadas. Abertas continuam a proclamar a verdade evangélica, sempre na mais flagrante contradição com o chorrilho de asneiras e mentiras que certos pigmeus asquerosos, em pontas de pés, porque falhos de estrutura moral, vão vomitando, a toda a hora, com pretensos foros de verdade... Sentimos nojo de tão grande covardia e pequenez moral! Se são valentes e não covardes, porque não fazem tais acções à luz do dia?

Foi ainda na mesma paróquia que os mesmos ou idênticos «valentões» colocaram, à porta da sacristia, um aliquid de barro com uma faca de matar porcos, cuja lâmina média 18 cm.

A mesma covardia traiçoeira!

A mesma pequenez moral!

A mesma tralhuice inqualificável!

A mesma falta de respeito pela casa de Deus!

O mesmo ódio inveterado a tudo quanto é nobre e digno!

O mesmo clima de hipocrisia e de mentira, de rancor e de intriga em que tudo se pretende submergir!

É de ter pena! «Pai perdoai-lhes porque não sabem o que fazem!» Ou talvez saibam.

O Partido Socialista promoveu uma «campanha de fundos a favor do povo chileno», nomeadamente os chilenos exilados em Portugal.

Para quando idêntica cam-

panha a favor dos exilados portugueses, em países estrangeiros, e dos portugueses que vegetam na miséria em Portugal?

Mário Soares afirmou no centenário de A. Herculano: «Uma Pátria que não honra os seus filhos entra necessariamente em decomposição».

Será por isso que, no parecer de muita gente, Portugal se encontra em adiantado estado de decomposição?

Muitos portugueses foram deserdados da «nacionalidade portuguesa» contra a sua (deles) vontade. Será essa a melhor maneira de os honrar?

Houve este ano uma quebra de 500 toneladas na produção de trigo.

Assim se faz a recuperação económica! Bela medida de austeridade!

Vamos ter de fazer como os russos: comprar trigo à América. Para pagar: mais uns insultos...Disso até se sabe produzir, em quantidades

industriais, neste pobre Portugal!...

Dizem-nos que Costa Gomes continua instalado no Forte de S. António do Estoril.

Será que a reforma de General não lhe permite pagar renda de casa?

Será que os seus proventos se limitam à reforma?

Transcrevemos: «Somos pobres, Snr. Primeiro Ministro, para suportar uma política de agravamento de impostos e de custo de vida, bem como a «CORRUPÇÃO».

Lemos. Meditamos. Ficamos perplexos. Parece-nos sensato este desabafo!

Infelizmente não acreditamos num sincero propósito de emenda...

No douto parecer de um Conselheiro da Revolução, os saneados do «Gonçalvismo» não podem ser objecto de um

(Continua na 10.ª pág.)

Sem comentar!

BANDA DE MATEUS

TOCA HÁ 167 ANOS!

No passado fim de semana houve festa em Mateus, a poucos quilómetros de Vila Real.

Como argumento para as provas desportivas, baile e reuniões sociais, o facto de a banda musical daquela localidade assinalar mais um aniversário.

Na verdade, poucas bandas deverão existir com uma idade tão longa como a de Mateus. São já 167 anos em prol da música e da cultura.

Frei Vicente, o seu fundador, é considerado o patrono da colectividade, hoje a viver de muito poucos subsídios, do produto das actuações em épocas de festejos, da quota de 20\$00 mensais de uns duzentos associados. À frente da parte musical, o dinâmico maestro Adérito Silveira, que tudo faz para que a banda toque afinada, apesar de os instrumentos serem muitos deles emprestados por bandas desactivadas e tão velhinhos que já não têm afinação possível. No entanto, os 47 elementos que a constituem (entre os quais seis meninos e meninas, sendo o mais novo um rapaz com 9 anos, que já toca como gente grande) ensaiam constantemente numa «escola» de música que funciona em instalações acanhadas e precárias.

Desde 1810 que a paixão pela música vive no coração de alguns habitantes de Mateus. Eles têm demonstrado, ao longo dos tempos, por vezes bem difíceis, uma vontade forte em não deixarem que à sua banda musical aconteça o mesmo que aconteceu a tantas outras por Trás-os-Montes: desaparecer por falta de apoio. Eles são o exemplo vivo de que é urgente socorrer estes agrupamentos dos quais em tempo de festas e de comemorações patrióticas, toda a gente se lembra, mas quase toda os esquece, quando lhe batem à porta a solicitar pequeno subsídio.

«Gazeta de Coimbra»

J. N. — 2-10-77

O riso não paga imposto

— O senhor empresta-me 50 escudos?

— Mas como, se eu não tenho a honra de o conhecer?
— Por isso mesmo, pois aqueles que me conhecem não me emprestam nada!

— O regedor duma aldeia discute se se deve pôr ou não um portão forte no cemitério. Ao fim de muita discussão, um dos lavradores declarou:

— Não vale a pena trancar um sítio onde os que lá estão não podem sair e os que cá estão não querem entrar.

Médico — O senhor Machado vai tomar umas pílulas para o estômago, outras para o fígado e outras para o coração.
Doente — Está bem, senhor

doutor, eu tomo-as, mas elas saberão para onde devem ir?

Um defeito — Enfilio, conhecedor de vinhos, convida outro para provar uma garrafa.
— Essa garrafa, de que acabaste de beber, tem 120 anos. Que te parece?

Resposta do Henrique: — Muito pequena para a idade que tem!

Entrou numa farmácia um cavalheiro brasileiro:

— Mi dá, nho-nhó, uma purga di bico

— Uma purga de quê? Perguntou o farmacêutico não percebendo.

— Di bico nho-nhó, di bico.

— Peço perdão, mas não sei o que é

— Qui moço! Uma purga di bico, é uma siringa!

Os Mandamentos dos encarregados de educação

1.º — Nunca é cedo para ensinar as crianças a serem educadas.

2.º — Não lhes prometa aquilo que não pode cumprir.

3.º — Para não perder a confiança das crianças, não troce de que elas fazem e dizem.

4.º — Tenha paciência para responder a todas as perguntas.

5.º — Não consinta que qualquer pessoa que não seja da

sua inteira confiança lhes conté histórias ou as acompanhe.

6.º — Não assunte nem meta medo aos seus filhos, nem os castigue severamente.

7.º — Mostre-lhes coisas belas.

8.º — Ensine-as a defender os seus direitos e a respeitar os das outras pessoas, mais novas e mais velhas.

9.º — Não lhes apresente, como exemplo, outras crianças, que têm talvez defeitos que os seus filhos conhecem.

10.º — Os pais devem conservar calma absoluta em todas as circunstâncias.